



Res

4584

A Cintrada  
ou  
Poema descriptivo  
de Cintra  
pelo  
Padre Manoel Rodrigues Faria

Lisboa 1846

As eruditas amigos de Siútra,  
Ex. mo Sr. Dr. João Martins de  
Silva Marques, op. na este  
antiquidade  
Julho 1938

Augusto Pinheiro

Joares & Mendonca

cat. 29-30 vol.

nº. 6009

# A CINTRIADA,



POEMA DESCRIPTIVO DE CINTRA,

PELO

PADRE MANOEL RODRIGUES DE FARIA.



**LISBOA.**

NA TYPOGRAPHIA DE G. M. MARTINS.

Rua dos Capellistas n.º 62.

**1846.**



Res

4587

Meditabor in omnibus operibus tuis, et in adinventio-  
nibus tuis exercebor.

*Psalm. 76.*

Vossas obras, meu Deos, contemplarei,  
Vossa Sabedoria eu louvarei.

Valles, serras, e montes, bosques, prados,  
Arvores, hervas, sombras, folhas, flôres,  
Aves, agoas, e Nymphas, e Pastores,  
Que do meu claro Sol sois illustrados,  
Em meus versos sereis sempre cantados.  
*Ferreira, Liv. 1.º dos Sonetos, Soneto 37.*

Dos orbes a harmonia, os frescos prados,  
Pouco, ou nada recream quem não sente.

*Alcipe (a Marquesa d'Alorna D. Leonor  
d'Almeida Portugal Lorena e Lencastre, que  
no Parnaso Portuguez se chama Alcipe) nas  
suas Obras Poeticas. Tom. I. Epistola a Sil-  
vio, pag. 217.*

..... flôres, prados,  
Rios, montanhas, rochas, arvoredos  
São dignos da razão, dignos do estudo:  
Impõem silencio á corrupção do mundo,  
E avizinham do Auctor da Natureza.

*Idem. Tom. 4. pag. 27.*

## PROLOGO.

Tendo visitado por muitas vezes a Serra de Cintra, e seus arredores, a achei tão magestosa nos seus elevados cabegos; tão admiravel nas suas grandes rochas, tão amena nas suas ladeiras, e valles, tão pintoresca nos seus arvoredos, e bosques, tão linda nas suas flôres, tão variada nas suas arvores, arbustos, e ervas, todas medicinaes mais ou menos; tão aprazivel nos seus campos, tão fresca e sadia nos seus ares; tão delectavel nos seus fructos, tão agradavel nas suas longinquas vistas de mar, e terra, tão apreciavel nos vestigios dos monumentos antigos dos Romanos, que lhe deram o nome, nos Templos da verdadeira Religião, nos Palacios, Casas, Quintas, Jardins, e Pomares, que a julguei digna de ser cantada em um Poema, em que se fizessem realçar, e se tornassem mais sensiveis, mais agradaveis, e mais amenas as suas muitas bellezas, as suas riquezas naturaes, e artificiaes, e as suas delicias. Esta é a propriedade da Poesia, é fazer com que a Natureza, e a mesma Arte fallem mais energicamente ao entendimento, e ao coração do homem.

Em Cintra não falla só a Natureza, fallam tambem a Arte, a Historia, e a Religião. Quanto á Natureza, ella aqui ostenta as suas

riquezas nos seus quatro reinos. No mineral a terra, a argilla, o barro, as finas areias (e não falta quem diga, que o ferro e o ouro), os altissimos rochedos d'uma grossissima massa, as diversas qualidades de pedras, as aguas mineraes, as cristalinas fontes, os mimosos ribeirinhos; quanto ao reino vegetal, as verdes, mimosas, e bellas plantas, as suas diversas especies, qualidades, e virtudes, as suas lindas flôres, bellas, e deliciosos fructos; quanto ao reino animal, os peixes da agua doce, os muitos, e diversos peixes da agua salgada, que se criam, e pescam em abundancia no Têjo, e nas costas do Oceano, que rodeiam a Serra de Cintra, as aves, e animaes assim domesticos, como silvestres, que se encontram por estes sitios; quanto ao reino racional, as pessoas distinctas, que aqui teem nascido, ou aqui teem figurado, o talento, a agudeza natural dos moradores, como a historia tem mostrado, e a experiencia ainda mostra; a concurrencia, e affluencia, que aqui tem havido, e ainda ha de muitas pessoas, umas mais, outras menos distinctas, de diversas Nações, e linguas; as frequentes, e agradaveis surpresas nos inesperados encontros nos passeios do verão, nas estradas, nas Quintas, nos bosques, nos labyrinthos da Serra, das ruas dos Jardins, e dos bosques ora com Senhores, uns nacionaes, outros estrangeiros; ora com as bellas Senhoras, que nestes sitios parecem as Nymphas dos Bosques; os encontros com os Pastores, e Pas-



toras, com os aldeãos, e saloios, já nos seus trabalhos nos Campos, nas Quintas, e nos Jardins, já nos seus transitos nas estradas, e jornadas dos seus traficos, e negocios; tudo, tudo concorre para tornar bellos, agradaveis, amenos, deliciosos, ricos, e interessantes estes sitios.

Quanto á Arte, que bellos, e ricos edificios antigos, e modernos de diversos gostos, systemas, e estilos, Quintas, Palacios, Templos, muros, torres, Castellos, ameias, e Porticos se não admiram por estes sitios? No Real Palacio de Cintra as obras de Architectura do tempo d'ElRei D. João I, e de D. Manoel, que se conservam ainda d'esse tempo; na casa mourisca do Marechal de Saldanha, feita pelos annos de 1835 e 36 se nota o gosto mourisco; porém nas obras, que se tem feito, e estão ainda fazendo na Pena, se veem renascer a grandeza, a magestade, a belleza, e a delicadeza da Architectura antiga da Syria, dos Gregos, dos Romanos, e tambem aquella com que se singularizaram alguns dos nossos Reis, especialmente D. João I, e D. Manoel, no Convento da Batalha, no de Belem, nos Paços da Villa de Cintra, e na Capella de Nossa Senhora da Pena. Que se admira ainda hoje nas Ruinas da famosa Palmira (1); que

---

(1) Veja se a descripção das Ruinas de Palmira na Historia Universal feita por uma Sociedade de Litteratos Inglezes, traduzida do Inglez em Francez, edição de Amsterdam de 1770, Tom. 2.<sup>o</sup> Livr. 1.<sup>o</sup> pag. 13, não só na lettra, mas tambem na gravura.

tambem se chama Tadmor (2), que se não veja como reproduzido na Pena? Lá se viam columnas, arcos com capiteis d'uma esculptura exquisita, magestosos Porticos, soberbas galerias, vestigios de magnificos Palacios, e Templos, pedras d'uma grandeza extraordinaria, que formavam o portico da entrada do Templo com delicadissimos relevos em que se viam gravados e perfeitamente acabados, cupidinhos, aguias com as azas abertas, parreiras com cachos de uvas etc., aqui se veem magestosos Porticos, delicadas columnas, magnificos edificios, bellos Torreões coroados de ameias, primorosos relevos com figuras humanas, com bichos, parreiras com cachos, conchas, mariscos, tritões, monstros marinhos, arabescos, delicadas, e finissimas rendas, gregas, traços, troncos, inscripções arabes, e tudo o que a arte tem de mais rico, mais delicado, e mais fino; tudo isto faz aqui eterno o nome d'El-Rei D. Fernando, que mandou fazer estas obras, faz indelevel o nome do Senhor Barão d'Eschwege (3), director de todas estas obras,

---

(2) Tadmor, que outros dizem Tamor, Tatmör, ou Tamar, quer dizer Tamara segundo alguns Auctores. Tamara é o nome, que nós em Portuguez damos ao fructo da Palmeira. Deu-se a esta cidade o nome de Palmira, por haver nestes sitios muitas Palmeiras. Esta cidade foi fundada por Salomão em um deserto. Lib. 3. Reg. cap. 9. vers. 17 e 18. Lib. 2. Paralip. cap. 8. vers. 4.

(3) Este Cavalheiro é Allemão, natural de Hasse-Cassel, e é Brigadeiro do Real Corpo d'Engenheiros.

sendo nellas ajudado por Carlos Ronneberg, e pelo Mestre d'obras João Henrique. O aperfeiçoamento da Agricultura tem feito ver que o terreno destes sitios é mais productivo do que se pensava; ella tem embellezado estes sitios, e a terra tem pago a despeza com boa usura.

Quanto á Historia, de que factos nos não faz recordar Cintra desde o tempo mesmo dos Fenicios até ás nossas eras? Até na nossa Historia Ecclesiastica tem o nome de Cintra um lugar muito distincto na mesma época do principio do estabelecimento do Christianismo.

Quanto á Religião, a idolatria aqui teve o seu domicilio, e aqui conserva a tradição, e a memoria do seu culto, e das suas fabulas; mas a Religião Christãa tomou inteira posse destes sitios, e não só aqui tem florecido, mas tem embellezado esta Serra mais que nenhuma outra Religião; tem attraído aqui mais povos, que algum outro motivo, e até é ella que tem dado mais impulso á perfeição da agricultura, e das artes, como geralmente acontece aonde ella chega.

E não é tudo isto uma serie de coizas, e de bellezas, que tornam estes sitios os mais agradaveis, e os mais instructivos? Pode haver um objecto mais interessante para um bom Poema? As bellezas de Cintra tem attrahido muitas pessoas de bom gosto, que sabem dar o valor ás coizas, e que tem achado Cintra digna da Poesia, e digna da Pintura. E que edificios, que bosques, e que rochedos tem aqui

escapado á Pintura? A Poesia tambem tem tomado por assumpto seu estas bellezas, mas não tanto como eu desejára; desejára que a Poesia não passasse por aqui como de passeio, como de visita, desejára, que se demorasse, e tomasse todo o gosto a estas bellezas, as analysasse, e lhes dêsse todo o merecimento, todo o pezo que merecem. Entre tanto em varios tempos, e em diversas linguas se tem feito memoria d'ellas.

Luiza Sigea (4) as cantou em latim, Camões

---

(4) Luiza Sigea de Velasco era filha de Diogo Sigeo, Francez, que vindo a este Reino, foi mestre d'ElRey D. João III, e do Duque de Bragança D. Theodosio, de D. Duarte, D. Catharina, e D. Maria, Duqueza de Parma, filha do Infante D. Duarte. Nasceo Luiza Sigea em Toledo, e seu pai a trouxe a Portugal ainda menina, e ella de tal maneira se applicou ás letras, que veio a saber, e a fallar as linguas Latina, Grega, Hebraica, Siriaca, Arabe, e Caldaica, aprendeo a Philosophia, a Oratoria, e a Poesia, foi mestra da Infanta D. Maria, filha d'ElRey D. Manoel; escreveu um Livro em forma de Dialogo entre duas Damas sobre a differença da vida da corte, e a vida do campo, casou com D. João, Fidalgo de Burgos, de quem procedem os Ronquillos Condes de Villar; compôz, depois de casada, a descripção da Villa de Cintra, e Palacio Real; correspondia-se com o Papa Paulo III, de quem recebeu uma carta com muitos louvores, acompanhada de muitas graças, datada em Roma a 8 de Janeiro de 1547, que começa *Dilecta in Christo Filia, salutem etc.*, correspondia-se com El-Rei D. Philippe II, e com outros Principes, e pessoas grandes; as suas cartas eram cheias de admiravel erudição. Teve uma irmã chamada Angela Sigea, que excedia a todos na Musica. Luiza Sigea está sepultada no Convento do Carmo de Torres Novas, e sua irmã na Capella do Bom Jesus Crucificado, na Igreja Parochial de

as libou, o Cantor (5) da saudade nellas tocou, Byron (6) por aqui viajou. Mas que é do Poema, que eu desejo? Elle não existe. Desejo um Poema que faça a mais amena descripção de Cintra, que sirva como de guia aos que por aqui viajam, e que veem ver este resumo de bellezas, este lindo painel da Natureza, um Poema que lhes faça sentir os effeitos que produz a observação da Natureza, que lhes faça conhecer o que aqui se passou nos tempos antigos, a origem dos monumentos, que aqui se veem, os nomes dos seus diversos sitios, as virtudes das plantas etc. etc.

Eu tive a lembrança de me sujeitar a esta empreza; malfadada lembrança, que me vai fazer devorar estudos, vigílias, e despezas; porém o meu trabalho será suave, e gostoso, se com elle te vou fazer algum serviço, benevolito Leitor. O livro, que mais me ajuda nes-

---

Sant'Iago da mesma Villa. Pelos annos de 1706, viam-se ainda os retratos ao natural destas duas irmãs em Torres Novas em casa de João de Mello Carrilho e Velasco, terceiro neto de Angela Sigea. Veja-se D. Thomaz Tamayo na Historia de Toledo. João Vazeu na Chronica d'Hispanha, e a Corografia Portugueza do Padre Antonio Carvalho da Costa, aonde tracta da Villa de Torres Novas.

(5) João Baptista Garrett no seu Camões.

(6) Eis aqui um trecho de Byron sobre Cintra:

Lo Cintra's glorious Eden intervenes

In variegated maze of mount and glen.

Ah me! what hand can pencil guide or pen

Through views more dazzling unto mortal ken.

Lord Byron — *Child Harold. Est. XVIII*

ta empreza é o impresso em 1839, intitulado — a Cintra Pintoresca —; ninguém até agora trabalhou tanto como o Auctor desta Obra, na descripção de Cintra; ella é uma Descripção Historica, Topographica, e Geologica. Ha tambem a descripção do Palácio Real feita pelo Abbade Castro em 1838. Tenho mais a meu favor o ter visto, e examinado a Serra de Cintra muitas vezes, e ter perguntado os nomes dos diversos sitios della; o ter lido, e feito muitos apontamentos, e memorias; o haver de escrever na lingua a mais rica, a mais nobre, a mais doce, a mais fecunda, e copiosa, que ha no mundo, a lingua portugueza (perdô-se-me este sentimento de patria, que aliás é fundado na verdade). Não somos só nós os Portuguezes, são tambem os mesmos estrangeiros, que dão testemunho desta verdade.

(7)

Uma das provas mais evidentes da riqueza da lingua Portugueza, da sua suavidade, expressão, e facilidade, é o poderem fazer-se discursos inteiros, grandes, com sentido per-

---

(7) La langue portugaise, dit M. Sané, n'est pas restreinte au peuple, qui la parle; elle est encore la langue du commerce asiatique: elle est repandue depuis le Cap Non, jusqu'aux Iles du Japon, e depuis l'Île de Madere jusqu'au Bresil: d'ailleurs cette langue est belle, sonore, nombreuse; affranchie de cette aspiration gutturale, que l'on reproche à l'espanhole, elle a toute la douceur, e la souplesse de l'italienne, la gravité, et couleurs de la latine. (*Poesie lyrica portugaise* introduction, pag. xc. Paris, 1808.)

feito, sem interpollação alguma, subtrahindo algumas letras vogaes; houve quem fizesse esta tentativa, e foi muito feliz nella. Joaquim José Bordallo compôz, e imprimiu cinco lindos discursos, privando-os cada um de sua letra vogal, o que se não pode fazer em alguma das outras linguas. Ora tendo eu tantas coizas a meu favor para a minha empreza, só eu não sou a meu favor. Aprendi mal a Poesia, e não sou Poeta. Farei porém, benigno Leitor, por te agradar, trabalharei quanto me for possível por me conformar com o rigor das regras da Poesia Portugueza, farei por imitar a linguagem do nosso Camões; os meus versos não serão grandiloquos, serão pobres sim, e humildes, mas correntes, claros, e intelligiveis. Não esperes encontrar no meu Poema o engenho, e arte de Camões, a formosura, e variedade dos quadros das *Estações* de Tompson, a fragrança dos *Jardins* de Rapin, a amabilidade do *Predio Rustico* de Vaniere, o merecimento dos *Jardins* de Delille, o encanto dos *Mezes* de Roucher, etc. Os meus versos irão seguindo como poderem as pizadas da Natureza, para assim o dizer, elles irão apparecendo á medida que a Natureza me for descobrindo os seus thesouros; não são filhos d'um plano presuppuesto, e premeditado, d'uma combinação; são filhos da Natureza mesma, da sua ordem. O meu Poema terá uma marcha humilde, e vagarosa, irá sempre espreitando os impulsos da Natureza.

Quanto ao mechanismo, e ordem do verso, ainda que não desaprove o verso solto, com tudo dou a preferencia ao verso ligado; é o mais geral na Italia, França, e Inglaterra; é o que está mais em uso; é a Poesia propria, e natural da nossa Peninsula; é a do nosso Camões. Vejam-se todos os Poemas da Peninsula, desde que aqui se começou a aperfeiçoar a Poesia, e achar-se-ha, que é raro encontrar-se um Poema em verso solto; só os que eu vi, e consultei, entre outros muitos, que ha, entre os Hespanhoes são os seguintes: *Description del Reyno de Galicia* por Molina, impresso em 1550. *Verdadero Intertentimiento del Christiano* por Andres de la Losa, impresso em 1584. *Proverbios Morales*, impressos em 1586. *El Cavallero determinado* de D. Hernando de Acuña, impresso em 1591. *Obras de Gregorio Silvestre*, impressas em 1592. *Obras de D. Manoel de Portugal*, 1605. *Genealogia de la Toledana* por Eugenio Martinez, impressa em 1604. *La Hermosura de Angelica* de Lope de Vega Carpio, 1602. *El Parnaso Antartico* por Diego Mexia em 1608. *Hispania defendida*, de Christoval Suarez de Figueroa, em 1612. *Ierusalem Conquistada*, de Lope Felis de Vega Carpio, 1611. *Vida de Santa Inez* por el Padre Fr. Alvaro de Hinojosa y Carvajal, 1611. *Pensil de Principes, y varones illustres* de D. Gabriel de Ayrolo Calar, 1617. *Las Eroticas* de D. Estevan Manuel de Villegas, 1617. *Espana libertada* de D. Bernarda Ferreira de La-



cerda, Fidalga Portugueza do Porto, 1618. *Varias Poesias* de Francisco Lopez de Zarate, 1619. Mais *Eroticas* de D. Estevan de Vellegas, 1620. *La Filomena* com otras diversas Rimas de Lope de Vega Carpio, 1621. *Corona Tragica. Vida, y Muerte de la Reyna de Escocia Maria Estuarda*, por Lope Felis de Vega Carpio, 1627. *Gigantomachia* de Manoel Gallegos, 1628. *Laurel de Apolo* de Lope Felix de Vega Carpio, 1630. *Obras* de Anastasio Pantaleon de Ribera, 1634. *Soledades* de D. Luiz de Gongora, 1636. *El Macabeo* de Miguel de Silveira, 1638. *El Triumpho de la Virtude, y Paciencia*, por Diego Henriquez Basurto, 1649. *Obras* de Don Francisco de Borja Principe de Esquilache, 1654. *Arcadia* de Lope de Vega Carpio, 1653. *Varias Poesias* de Paulo Gonçalez de Andrada, 1658. *Napoles Recuperado*, Poema Heroico de D. Francisco de Borja Principe d'Esquilache etc. 1658. *Rimas Sacras* de Lope de Vega Carpio, 1658. *Las Musas* de D. Francisco Quevedo, 1670. *Varias Poesias* de Antonio Luiz Ribeiro, Fidalgo Portuguez, 1671. *Comedias* de Don Pedro Calderon de la Barca, 1685. *Panegyrico a el Rei Don Pedro II de Portugal*, por el Principe Senescal de Ligne Marquez de Arronches, 1685. *Obras* de D. Antonio de Mendoga (Portuguez) 1688. *Despertador del alma*, de Apolinario de Almada, 1695. *Varias Poesias Sagradas, y Profanas* de D. Antonio de Solis y Ribadenera, 1716.

Na longa serie de Poemas Hespanhoes tanto antigos, como modernos, digam-me os versados nestas materias quantos acham em verso solto em comparação do numero dos de verso ligado. Na serie dos Poetas Portuguezes achar-se-ha o mesmo, como veremos nos poucos, que vou apontar, porque a maior parte d'elles são bem conhecidos; não refiro entre os antiquissimos o celebre *Cancionciro*, porque o não vi, nem sei em que anno foi impresso; é rarissimo, e foi procurado em Lisboa com todo o empenho; não menciono as Rimas, e os Lusíadas do nosso Camões, que são bem conhecidas de todos, vou mencionar alguns, parte bem conhecidos, parte raros, e pouco conhecidos, para continuar com a minha prova documentada, de que o verso ligado é uma das propriedades naturaes, e essenciaes da Poesia da Peninsula, que por isso considero por melhor, que a de verso solto que se faz á imitação da latina, que alguns acham por melhor. Os Poemas Portuguezes que me cabe na brevidade nomear são os seguintes, que apontarei pela ordem das épocas da sua impressão como fíz dos Hespanhoes: *Naufragio de Sepulveda*, por Jeronymo Corte Real, 1594. Aqui temos um Poema em verso solto, sendo as fallas das personagens, que introduz, em oitava rima. *Poemas Lusitanos* de Antonio Ferreira, 1598. *O Condestabre D. Nuno Alvares Pereira*, por Francisco Rodrigues Lobo, 1610. *Insulana* de Manoel Thomaz, 1635. *Templo da Memoria*

de Manoel de Galhegos, 1635. *Collecção de Peças, ou Memorias Funebres pela morte de D. Maria de Atayde*, 1650. *Versos Divinos, e humanos* de D. Francisco de Portugal, 1652. *Collecção de Peças, e Memorias Metricas*, umas em Portuguez, outras em Hespanhol, e em latim outras, por Luiz de Menezes, Conde da Ericeira, sobre a vida, e acções do Marquez de Tavora Luiz Alvares de Tavora, 1674. *Academia dos Singulares de Lisboa*, 1698. *Poema clogiaco* pelo Nascimento do Primogenito do Conde de Villa Verde D. Antonio de Noronha, por João de Brito Lima, 1718. *Memorias Metricas* por occasião da Canonização de S. João da Cruz, 1723. *Collecção de Poesias Epithalamicas* por occasião do casamento do Principe, depois Rei D. José I, 1729. *Poema Heroico* em louvor d'El-Rei D. João V., por D. Jorge d'Almeida de Menezes, Hospitaleiro, 1734. *Triumpho da Religião*, Poema Epico-Polemico, por Francisco de Pina e Mello, Fidalgo, e Academico da Historia Portugueza, dedicou-o a Benedicto XIV. E' feito por uma nova Rima imitando a Rima Franzeza, 1756. *Parnaso Real Epithalamico*, por Jeronymo Osorio de Castro, Fidalgo, 1764. *O Heroe inaugurado*, feito por occasião da inauguração da Estatua Equestre do Terreiro do Paço á memoria d'El-Rei D. José I, por Fr. João Silverio de Lima, do Convento de Jesus de Lisboa, 1775. Aqui temos outro Poema em verso solto.

Todos sabem que o Padre José Agostinho de Macedo escreveu em um, e outro metro, porém apesar do seu grande saber, e muito talento em obras d'outro genero, e neste, da feliz invenção, com tudo o seu verso é escabrosissimo — *Tu nihil invita facies, dicesve Minerva.* — Apesar d'isso tem muitos versos lindissimos, harmoniosos, e expressivos. Entre os muitos Poemas mais modernos, que tem apparecido, imprimiu-se em 1842 *A Redempção*, Poema Épico em seis Cantos, por um Anonymo, (8) Ecclesiastico do Bispado de Leiria, em oitava rima. *He a narração*, para me explicar com as proprias palavras do sabio critico (foi Fr. Francisco de S. Luiz, Cardeal Patriarcha de Lisboa), que deu o seu parecer para que esta obra se imprimisse, *he a narração poetica da acção mais illustre, do maior dos acontecimentos . . . . ., a estrutura epica está guardada, a dicção é portugueza, o estylo, se não he grandiloquo, he igual, e bem sustentado, he condigno, e mui a proposito do fim a que tal obra he destinada.* Está melhor a esta obra o estilo, que o seu Auctor adoptou de proposito como elle mesmo confessa na 4.<sup>a</sup> Estancia do primeiro Canto:

---

(8) É' o R. P. Antonio dos Santos Rino, do logar da Robolaria, junto á Villa da Batalha. Apesar da modestia de querer occultar o seu nome, os amadores das sciencias o devem reclamar com toda a justiça para o catalogo dos sabios, porque a sua obra tem mais merecimento, do que elle quer fazer inculcar.

Pois o acontecimento portentoso,  
Que á minha idéa agora se apresenta,  
Ornato não admite mentiroso,  
Que a Fabula a quimeras dar ostenta.  
Elle em si he tão nobre, e magestoso,  
E tão vivas imagens representa,  
Que aos atrevidos vôos do desejo  
Materia subministra de sobejo.

Quem ler esta obra, achará nella constantemente uma nobre e magestosa simplicidade de estilo, que falla ao coração, e é mais conforme á natureza, do que se fôra um estilo empolado, que muitas vezes encobre o verdadeiro sentido do que se quer dizer, e ostenta mais arte, do que se conforma com a Natureza, que é a guia na Poesia. *Este Poema será um conforto, uma consolação em nosso seculo de vícios, e loucuras.*

Em 1844 sahiu pela terceira vez á luz o *Camões* de J. B. de Almeida Garrett, a quem P. de Flaugergues chama *Chantre melodicux*, e com razão, porque, apezar de ser escripto o seu Poema em verso solto (e aqui temos mais um entre o pequenissimo numero dos Poemas Portuguezes, em verso solto), além de reunir todas as outras qualidades d'um bom Poema, reina em todo elle a mais suave, e terna melodia, como convem a um Cantor da *Saudade*. No mesmo anno proximo passado de 1845 sahiram á luz as estimaveis, e preciosas *Obras Poeticas* de Dona Leonor d'Almeida Portugal

Lorena e Lencastre, Condessa Oeynhausén, e de Assumar, e ultimamente Marqueza d'Alorna, que no Parnaso Portuguez tem um dos mais distinctos logares com o nome de *Alcipe*. São 6 os volumes de suas obras Poeticas sobre diversos assumptos. Esta Senhora tão distincta pela longa serie dos seus trabalhos, como pela heroica, e exemplarissima resignação com que supportava o pezo d'elles, se tornou ainda mais distincta pelas suas obras, que depois da sua morte se deram á luz. (Morreu a 11 de Outubro de 1839, de idade de 89 annos). Em todas as suas obras se deixam ver os mais puros e ternos sentimentos de Religião, bem conformes com a sua constante pratica das virtudes christãs. E' ella a quem unicamente pertence a gloria de haver sido a primeira (e unica até agora) de traduzir todo Psalterio em lindas, ternas, e expressivas rimas portuguezas. Parece-me (será amor de Patria) que ella levou nesta traducção paraphraseada a palma a Xavier Mattei, (que tambem foi o primeiro, e creio que o unico, que traduzio o Psalterio em verso italiano) na escolha dos termos, na força da significação, e expressão, na ternura dos sentimentos, e na belleza das figuras. E para prova disto mesmo faça o leitor comigo um parallelo d'um e outro; escolhamos um dos Psalmos mais ternos; seja o Salmo 33.

*Primeiro ramo.*

Benedicam Dominum in omni tempore,  
semper laus ejus in ore meo.

*Mattei.*

Cantiam le glorie, cantiam le lodi  
 Del mio Signore amabilissimo,  
 E replichamole in cento modi.

*Ao pé da letra.*

Cantemos as glorias, cantemos os louvores  
 Do meu Senhor amabilissimo,  
 E por cem modos os repitamos.

*A Marqueza d'Alorna.*

Alegre, afflicto, em paz, ou perseguido  
 Hei de sempre, Senhor, abençoar-te;  
 Grato meu coração enternecido  
 Meus labios abrirá para louvar-te:

O meu Deos cantarei,

Seu nome em todo o tempo exaltarei.

*Segundo ramo.*

In Domino laudabitur anima mea,  
 Audiant mansueti, et lætentur.

*Mattei.*

I giusti godano, se i prieghi-suoi  
 Cantar m'udranno: per chi s'è fervido  
 Estro in me accendesi, se non per lui?

Os justos se alegram, se suas orações  
 Cantar m'ouvirem, e por quem tão fervoroso  
 Estro em mim se accende, senão por elle?

*A Marqueza d'Alorna.*

Vinde, mansos, comigo, a Deos louvemos;  
 Participai do amor em que me inflammo.

*Terceiro ramo.*

Magnificate Dominum meum  
 Et exaltemus nomen ejus in idipsum.

*Mattei.*

Ma come reggere potrò, ma come  
Io solo? meco tutti ancor cantino,  
Di Dio si celebri l'amabil nome.

Mas como poderei reger, mas como  
Eu só? comigo cantem todos tambem  
De Deos se celebre o amavel nome.

*A Marqueza d'Alorna.*

Quando unidos seu nome engrandecemos:  
Sempre o Senhor me escuta, quando o chamo.

*Quarto ramo.*

Exquisivi Dominum, et exaudivit me  
Et ex omnibus tribulationibus meiseripuit me.

*Mattei.*

Udite: io supplice pietà cercai  
Benigno ei volle miei prieghi accogliere  
E già son libero da tanti guai.

Ouvi: Humilde eu piedade implorei,  
Elle benigno minhas preces quiz acolher;  
Já estou livre de tantos trabalhos.

*A Marqueza d'Alorna.*

Se magoas me aterraram  
Seus potentes braços me salvaram, etc.

Em todas estas, e outras traducções, a Marqueza d'Alorna maneja a lingua portugueza com toda a energia, e delicadeza da mesma lingua. Ainda que ella escreveu tambem em verso solto, bem se deixa ver nas suas obras o seu gosto predominante pelo verso ligado, no



qual compôz a maior parte da sua traducção dos Psalmos, as suas Quadras, as suas Cantigas, as suas Canções, as suas Epistolas, a sua Iliada de Homero em oitava rima, o seu Cemitério d'Aldeia, Elegia traduzida de Thomaz Gray; o seu Eremita, Ballada, traduzida de Goldsmith, a Traducção da Ode do Conde Fulvio Testi, a Epistola a Lord Byron, imitada da 2.<sup>a</sup> Meditação de Lamartine, intitulada — o Homem. — Esta Senhora procurava nos seus versos mitigar o rigor das suas penas nos encantos da Poesia, como ella mesma confessa no thema, que pôz no frontispicio das suas obras:

*Carminibus quæro miserarum obliviam rerum.*

Ovid. Trist. libr. 5. Eleg. 7.

E' quanto basta para mostrar historicamente a preferencia, que deve ter o verso ligado, ainda que mais custoso de compor. E tambem estou persuadido, que o verso ligado custa mais a fazer nas linguas estrangeiras, do que na portugueza. Além d'isso este verso é mais doce, e mais harmonioso, que o verso solto. Horacio para fazer ver a suavidade, harmonia, e belleza do verso, apezar de não ser costume fazer-se verso ligado em latim, mostrou em um distico de verso cadente, o quanto seria mais harmonioso e bello o mesmo verso latino ligado:

*Non satis est pulchra esse Poemata, dulcia sunt,  
Et quocumque volent, animum auditoris agunt.*

Estou persuadido que elle é possível em todas as linguas, e me parece, que os primeiros versos que se fizeram no mundo seriam cadentes. Não sei como era o verso hebraico. Dizem alguns actores (9), que as terminações dos verbos, e mesmo dos nomes hebraicos no plural, e a addicção dos pronomes possessivos a estes nomes, e verbos, são tão semelhantes, que seria mais difficiloso escrever na lingua hebraica um Poema não rimado, do que um Poema de rima cadente; exemplo no Psalmo 33:

- 1 Darashti eth Adonai vehanani,
- 2 Umiccol megurothai itzilani.
- 3 Hibittu elaw venaharu
- 4 Uphnhem al jechpharu
- 5 Iereù eth Adonai kedoshaw
- 6 Ki aen machsor lireaw
- 7 Kephirim rashù verahevu
- 8 Vedoreshe Adonai lo jachseru
- 9 Col tof
- 10 Mi haish hachafetz chajim.

Os versos n. 1 e 2, que aponto, formam o quarto ramo deste Psalmo, que é o seguinte:  
 Exquisi Dominum et exaudivit me,  
 Et ex omnibus tribulationibus meis eripuit me.

---

(9) Veja-se o Tractado sobre a Poesia dos Hebreos no 1.º Tomo da Traducção dos Psalmos por Mattei, e a Historia Universal já atraz citada na Nota (1). Tom. 2. pag. 563.

Bem se vê nesta traducção de S. Jeronymo o quanto elle fez por traduzir este ramo em verso cadente.

Eu traduzo da maneira seguinte:

1 Chamei pelo Senhor, elle m'ouvio

2 E dos meus males elle me surgio.

Os versos n. 3 e 4 formam o quinto ramo do dito Psalmo, que é o seguinte: *Accedite ad eum, et illuminamini, et facies vestrae non confundentur.*

3 A elle vos chegai, sereis illustrados,

4 Não serão vossos rostos envergonhados.

Os versos n. 5, e 6 formam o ramo nono: *Timete Dominum omnes Sancti ejus, Quoniam non est inopia timentibus eum.*

5 Temei ao Senhor, ó Santos, vós todos,

6 Nada vos faltará de nenhuns modos.

Os versos dos n. 7 e 8 são o ramo 10: *Divites eguerunt, et esurierunt, inquirentes autem Dominum non minuentur omni bono.*

7 Os leaçosos (10) teem fome, e privações,

8 Não os que teem a Deos nos corações.

---

(10) *Leaçosos* é uma palavra nova portugueza que me foi necessario introduzir para explicar melhor o termo hebraico *Kephirim*, que quer dizer *Leões* por metaphora, de maneira que o hebreo ao pé da letra quer dizer: — Os leões teem fome, e indigencia, como traduz um auctor Francez: *Les Leonceaux ont disette, et faim.* Desta palavra franceza — *Leonceaux* — tiro eu a portugueza — *Leaçosos* — mas a palavra franceza quer dizer *Leõesinhos*, e na portugueza que lhe faço corresponder, quero dizer um homem rico, soberbo, desvanecido, e atrevido, como um *Leão*.

O verso do n. 9 é aquella parte do ramo antecedente; non minuuntur omni bono, que traduzo com o numero 10, que é o ramo: Quis est homo, qui vult vitam, diligit dies videre bonos? para me conformar melhor com o hebreo.

9 Não serão nos seus bens diminuidos,  
10 Dias elles terão entristecidos? etc.

Entre os Gregos ha tambem exemplos de verso ligado, como se vê no seguinte exemplo da Iliada 6. de Homero, vers. 305.

Popni Athenaie erysptoli dia Theaon  
Axon de encos Diomedeos hede cai ayton  
Phrenea dos peteein schaion proparhoithe pylaon.

Virgilio ( Lib. 11 ) imitou este passo de Homero nos seguintes versos ( não na cadencia )

Armipotens belli præses Tritonia Virgo,  
Frange manu Phrigii telum prædonis, et ipsum  
Pronum sterne solo, portisque effunde sub altis.

André Divo na sua traducção latina de Homero (ediç. de Leão de França de 1533) verte quasi ao pé da letra estes versos assim :

Pudica Minerva, patrona civitatis, diva Dearum  
Frange jam lanceam Diomedis, ac et ipsum  
Pronum da cadere scæas ante portas.

Eu traduzo :  
Casta Athenea, (11) tu que protectora

---

(11) Minerva Athenea ou d'Athenas.

E's da Cidade, as armas faz pedaços  
De Diomedes, e o prostra em estilhaços  
Nas ruínas, tu que és Deosa, e Senhora.

Finalmente, dou-te conta, benigno Leitor, que a obra, que vou dar á luz é uma descripção topographica, historica, e botanica de Cintra; porém encontrarás nella objectos, que não dizem só respeito a Cintra, encontrarás objectos geraes, que os de Cintra suscitaram, como por exemplo, na Pena a descripção dos quatro reinos da Natureza, nos Capuchos a descripção historica, e mystica da Cruz, etc. Hirá carregada de Notas explicativas que julguei muito necessarias, e as irei collocando nas mesmas paginas aonde são necessarias. Muitos quereriam antes que eu reservasse as Notas todas para o fim da obra, como fazem outros auctores, para não distrahir o Leitor da serie do Poema, porém o meu gosto particular é ver as Notas na mesma pagina aonde são necessarias, e julgo maior trabalho, e maior distracção o ir ver as Notas no fim do Livro, e muitos são da minha opinião. E' livre ao Leitor o ler, ou deixar de ler as Notas para seguir o texto sem interrupção.

Tu conhecerás pela leitura desta obra, que ella seria preciosissima, se fosse escripta por melhor penna, e por um auctor de nome, e que verdadeiramente merecesse o nome de Poeta. Nas notas se referirão alguns factos historicos, que tiveram logar em Cintra, ou na sua

circumferencia em tres leguas de distancia; no numero destes factos irão apontados alguns successos bem pouco conhecidos.

Quanto ás plantas não só de Cintra, mas mesmo em geral, apontarei quanto me for possível os nomes ainda os mais vulgares por que o mesmo povo as conhece. Direi tambem os nomes que ellas teem em grego, em latim, em italiano, em allemão, em belga, em francez, em hespanhol, e em inglez, não porque eu saiba estas linguas, mas por copias, como teem feito muitos auctores, e alguns bem miseravelmente, principalmente quando citam alguma cousa da nossa lingua, miseria de que não escapou o mesmo Voltaire, tão reputado por sabio, mas a sua sabedoria era mais sabedoria de ostentação, do que de succo; não cita nada da nossa lingua que não diga barbaridades.

Eu não digo, que acertarei sempre com os verdadeiros nomes estrangeiros das plantas, porque não ha cousa mais facil do que errar em copias de linguas estrangeiras, principalmente servindo-me eu de alguns livros antigos, e porque

Ut silvæ foliis pronos mutantur in annos,  
Prima cadunt, ita verborum vetus interit ætas  
Et juvenum ritu florent modo nata, vigentque.

Horat. de Arte Poet.

Bem como na floresta as folhas cahem  
Quando o anno se vai já declinando  
E depois outras folhas novas sahem,

Assim foi das palavras acabando  
 A sua idade antiga, e outra nova  
 Novos termos, e palavras renova.

E' verdade, que os nomes das plantas não soffrem tão facilmente mudanças como as outras palavras, entretanto alguma mudança teem tido, e eu para acertar, consulto Diccionarios modernos Inglezes, Francezes, e Allemães.

Tenho mais outra satisfação que dar-te, Leitor amigo. Não sigo a torrente dos Poetas na invocação das Musas do Parnaso pagão; isso seria só proprio dos tempos fabulosos, e do Gentilismo, e não d'um Poeta christão; até alguns Poetas pagãos zombaram dessas invocações; sirva d'exemplo Aulo Persio para vergonha dos Poetas christãos, que começou as suas satyras assim:

Nec fonte labra prolui caballino,  
 Nec in becipiti somniasse Parnasso  
 Memini ut repente sic poeta prodirem,  
 Heliconidasque palidamque Pirenen  
 Illis relinquo quorum imagines lambunt  
 Ederæ sequaces, ipse semipaganus  
 Ad sacra vatum carmen affero nostrum.

E tambem eu quero dizer

Nem meus beigos na fonte caballina  
 Fui molhar, nem me lembro ter sonhado  
 Na do Parnaso celebre collina,

Para assim de repente ser formado  
Poeta. Essa turva Fonte Pirenica,  
As do Helicon Musas hei deixado  
A'quelles, cujas fronte lambem eras.  
Sigo o sagrado, sigo não chimeras.

No mesmo nosso Parnaso Portuguez tenho  
exemplos, que seguir de Poetas mais corda-  
tos, do que aquelles que seguem ainda o an-  
tigo, e já rançoso trilho. Bernarda Ferreira de  
Lacerda na sua Hespanha libertada invoca a  
Sant'Iago Patrão das Hespanhas.

No invoco aqui de Phebo las hermanas,  
El licor de Aganipe no les pido,  
Que viene mal mezclar cosas profanas  
Com sugeto tan raro, y tan subido  
Cessen las aguas de Castalia vanas,  
Y el Helicon quedese en olvido,  
Porque el Patron de Hespanha hade ser solo  
Mi Parnaso, Helicon, y rubio Apolo.

Jeronymo Corte Real invocou a Christo cru-  
cificado; Francisco Rodrigues Lobo no seu  
Condestabre invocou a Virgem Santissima ve-  
nerada com o titulo de Senhora da Pena na  
sua milagrosa Imagem na Igreja do Castello  
de Leiria donde elle era natural; Lopo Serrão  
de Evora, Medico d'ElRei D. Sebastião, invo-  
cou a Maria Santissima no seu Poema *de Se-  
nectute*. Fr. Francisco de Barcellos, natural de  
Rates, invocou a Santa Cruz no seu Poema *De*



*Crucis Triumpho*, escripto no Convento da Pena, aonde foi morador, porque era da Ordem de S. Jeronymo. Antonio Figueira Durão, natural de Lisboa, no seu Poema — Ignatiados — que elle escreveo (tendo ainda só quinze annos de idade) em louvor de Santo Ignacio de Loyola, invoca a Maria Santissima da maneira seguinte :

Tuque adeo summi placidissima gloria Cœli,  
 Alma Parens, tu sydereis veneranda catervis,  
 Qua duce jam sordent veteris mendacia Musæ,  
 Aurea virgineum præbet cui Luna cothurnum  
 Sol vestem, cui non solito de more coronam  
 Sydera componunt, meritam solia aurea Sedem,  
 Tu Vati nimium tenero, insuetoque Camænis  
 Da mihi te facilem, et surgentibus annue cæptis.

O Padre José Agostinho de Macedo tambem não invocou as Musas do Parnazo Gentilico nos seus Poemas. Alcipe invocou o seu Anjo da Guarda no seu Poema das Solidões. Eu invoco aquella a quem a Santa Igreja, cantando, chama Séde da Sabedoria *Sedes Sapientiae*; ella me conduzirá pelo admiravel Santuario da Natureza, aonde, como em um Ceo antecipado, os olhos se não saciam de ver, nem os ouvidos de ouvir (12). Eu, querendo-me explicar á vista de tantas maravilhas, hesi-

---

(12) Non saturatur oculis visu, nec auris auditu.

*Eccles.* 1. 8.

tarei muitas vezes, a minha lingua indouta, e rude balbuciará aonde nem os mais sabios se podem explicar, como desejam. Entre tanto debaixo da protecção, e conducta da minha alta Guia farei o que poder para bem dos que visitam estes bellos sitios, para bem dos amadores da Historia, e das bellezas da Botanica, e para d'algum modo, e ao menos em parte, satisfazer os desejos que Byron mostrou nestes versos:

Lo Cintra's glorious Eden intervenes  
In variegated maze of mount and glen.  
Ah me! what hand can pencil guide or pen  
Through views more dazzling unto mortal ken.

Que traduzidos livremente querem dizer:

Eis hi Cintra, qual Eden magestoso,  
Nesses valles, e montes variado  
Em Labyrintho ameno, e delectoso.  
Ai de mim! Quem me dera ser guiado  
Por habil penna, ou pincel ingenhoso  
Lá por entre o arcano inda insondado  
De suas lindas vistas inda occultas,  
Pois suas avenidas são incultas.

Quanto á Botanica, no exame, e analyse, que, como poder, hei de fazer sobre as virtudes das plantas, não acreditarei tudo quanto dizem alguns auctores, que se deixaram dominar d'uma especie de fanatismo por algumas plantas. Galeno teve seu fanatismo pela *Peonia*, Catão pela *Couve*. (Dicc. d'Hist. nat. de Valmont de Bomare). Diz Antonio Misaldo (Lib. I. Mirab. Natur.) e repete José Ra-

(a) Nota sobre a origem de  
Child-Harold pag. 31. to 32.  
por Alberto de S. Livro 1888.

fael (Defez. de Cecilia de Faragó) que a vara d'Aveleira tem propriedade para descobrir na terra os metaes inclinando-se toda naturalmente para elles por *sympathia*, quando com elles se encontra; o que deu occasião á crença sobre a celebre *Varinha divinatoria*. Custa a crer, que houvesse escriptores, que tal asseverassem, sem se lembrarem, que se já alguém fez uso d'estas varinhas para a descoberta dos metaes, lhes tiravam primeiro o miolo, e enchiam o vão de azougue.

Tambem não creio em tudo o que dizem alguns auctores sobre os beneficos effluvios das plantas, ou d'outras drogas da natureza, sem que a experiencia o comprove, nem em certos actos supersticiosos, em que nas curas cahiram alguns Medicos. O Medico Marcello disse que se o doente de esquinencia dissesse, movendo a mão, *crisi*, *crasi*, *syncrasi*, sararia. Não se pode pensar peor. Galeno (de simpl. medicam.) disse que a raiz da *Peonia* ligada ao pescoço dos meninos, os livrava do mal epileptico (haja vista á experiencia). O Padre Leonardo Viario, contando as virtudes admiraveis, e beneficos effluvios d'alguns corpos, refere que o Rei Pyrrho tinha no dedo pollice do pé direito virtude para curar os esplenicos, e que este dedo não se pôde queimar com o resto do corpo; que o Imperador Vespasiano curava muitas molestias com a sua saliva, e contacto; que na Hespanha havia certos homens a que chamavam *cumprimenteiros*, que com os seus

cumprimentos faziam coizas maravilhosas, e curavam os effeitos das mordeduras dos cães damnados; que quando um pae tem sete filhos, sem filha nenhuma, o setimo tem esta admiravel virtude; que os Reis da França teem a virtude hereditaria de curar as alporcas, tocando no logar d'ellas. Quem acreditará hoje estas coizas?

Tambem não creio em todos os pertendidos milagres da *Palingenesia* (regeneração, nova vida), que é uma operação chimica, que se faz, tomando, por exemplo, uma flôr, e queimando-a, se lhe ajuntam depois as cinzas, de que se tira o sal por meio da calcinação, e este sal se mette dentro d'uma garrafa de vidro, e se lhe mistura certa composição capaz de o pôr em movimento. Desta materia agitada pelo calor, se levanta a apparencia de um tronco com ramos, e flôr, que renasceo de suas cinzas. Apenas cessou o calor, desaparece o espectáculo, e a materia se desfaz, cahe no fundo, e se reduz ao seu cahos; tornando o calor, resuscita esta nova Feniz vegetal escondida nas cinzas; mas assim como o calor lhe dá vida, a sua falta a mata, e acaba. Os Inglezes foram os inventores da *Palingenesia*, e teem feito a experiencia sobre as plantas, e passaros; dizem que isto é um effeito natural da virtude que teem as partes seminaes de qualquer corpo para se reunirem na mesma situação que antes de separadas tiveram pela Natureza. José Rafael, que refere estas coizas (na sua *de-*

*feza de Cecilia de Faragó*), conta tambem, que um amigo seu na Cidade de Altamura fizera a experiencia com um ramo d'alecrim que pôz no fogo no tempo de Inverno, e fechando a janella só com a vidraça, achára na manhã seguinte impresso no vidro o alecrim com seus ramos, e folhas, que a virtude das particulas seminaes tinha unido, e o grande frio tinha congelado no vidro.

Não se pode duvidar, que na Natureza ha muitos segredos, que o homem ainda não pôde descobrir, e se obram muitas maravilhas, que ainda se não conhecem; entre tanto, é preciso muito criterio para nessas que já se descobriram saber discernir quaes são as verdadeiras, e quaes as falsas entre tantas que referem os Auctores, porque a experiencia tem mostrado que muitas são falsas, e até impossiveis, e por isso, Leitor amigo, te referirei só as virtudes das plantas, que os mais acreditados Auctores lhes attribuem, e te apontarei algumas que falsamente se attribuem a algumas plantas.

Vale.









— — — — —

## A CINTRIADA.

— — — — —

### CANTO I. (1)

#### I.

Um Paiz aprazivel, e ameno,  
 Um Paiz, em que tudo é belleza,  
 (Inda qu'em circumfr'encia pequeno)  
 Tudo o que nelle vemos é riqueza  
 Desd'alta planta até mimoso feno,  
 Admiravel em tudo a Natureza,  
 Eis-aqui o que cantar eu desejára,  
 Se talento, e arte não faltára.

#### II.

Sim: E's tu, bella Cintra, que desejo  
 Cantar; os teus Jardins, Bosques, e Prados,  
 Altas Serras, e tudo o qu'em ti vejo.  
 Desejára da Musa os agrados  
 Merecer, e inspirar-me neste ensejo.  
 Alta Pena, levanto a ti meus brados,  
 Pois em ti mora a Musa, que só quero;  
 Favores d'outras Musas eu não 'spero.

---

(1) Descripção geral da Serra de Cintra.

## III.

Longe, longe de mim as do Parnaso  
 Que não eram senão Musas dolosas,  
 Pois nunca destas Musas eu fiz caso;  
 Eu não tracto de cousas fabulosas.  
 Aquella, que se chama *d'honra vaso*, (2)  
 A Rainha das *Virgens* mais formosas (3)  
 E' a quem se dirige a minha mente,  
 E' a quem vou rogar humildemente.

## IV.

Dos Ceos alta Rainha, e da Terra,  
 Sois a essas alturas exaltada (4)  
 Por quem fez o qu' o Mundo todo encerra,  
 Vós sois nesta Montanha venerada.  
 Quem a vós não recorre sempre erra; (5)  
 Minh'alma vem a vós mui confiada  
 Que lhe inspirareis quanto deseja,  
 P'ra cantar quanto em torno de vós veja.

---

(2) Vas honorabile.

(3) Regina Virginum.

(4) Ego in altissimis habitavi. Eccles. 24.

(5) Qui me invenerit, inveniet vitam, qui autem in me peccaverit lædet animam suam. Prov. 8.

## V.

Vós cantastes de Deos altos favores (6),  
 Que por vosso respeito elle obrou,  
 Tributaste-lhe mui ternos louvores  
 Pelas riquezas, com que vos dotou.  
 Eu desejo cantar esses primores;  
 Com que o Templo da Pena rodeou,  
 Esse Templo, que vós mesma habitaes,  
 E donde a vossa Benção nos deitaes.

## VI.

Tudo em ti, bella Cintra, é cantavel;  
 A origem do teu nome, e a belleza  
 Do teu ameno sitio é 'stimavel,  
 E do teu doce clima a natureza  
 E' em todos os tempos mui amavel (7);  
 O que tem de Historico a certeza,  
 O que tem de mais bello architectura,  
 Tudo attesta a tua formosura.

(6) No Cantico do *Magnificat*.

(7) Cintra é delectavel em todas as quatro Estações do anno. Na Primavera começa essa admiravel serie de Flores de diversas especies que se succedem umas ás outras por quasi todo o anno, matizando a perpetua verdura; no verão as verdes, e depois loiras searas dos trigos, e dos milhos; o doce sibillar dos zephyros nas portas, janellas e por entre as fendas dos penedos forma a mais suave e saudosa musica; no outono os rubicundos, e saborissimos fructos; no inverno umas vezes o mais agradavel sol, outras vezes as impetuosas chuvas, que dos pequenos ribeirinhos formam cau-

## VII.

Os teus altos Rochedos te dão graça,  
 Assim como os teus Valles muito fundos,  
 Cada planície forma bella praça,  
 Os teus aromas são os mais jucundos;  
 Tudo quanto em ti a vista abraça  
 Produz os pensamentos mais profundos,  
 Até vista de longe tens belleza,  
 Tal é em ti a linda Natureza.

## VIII.

Se quizesse alargar a phantasia  
 Só sobre o qu' a teu nome respeita,  
 Muito além da Historia 'stenderia  
 Minha imaginação, que se deleita  
 Com as bellas ficções d'Allegoria;  
 Mas porém ficará só satisfeita  
 Do que Historia do teu nome encarece,  
 E só do que com elle se parece.

---

dalosos rios, lindas cascatas, que parecem arroios de prata derretida que se precipitam dos altos rochedos; a magestade d'uma trovoadá, a cãpanha dos ventos etc.

## IX.

Cintra, tu *Cynthia* já foste chamada, (8)  
 Este nome do Sol, e Lua herdaste,  
 Foi pois antigamente nomeada  
 A Lua *Cynthia*, como te chamaste,  
 Ao Sol tambem de *Cynthio* foi dada  
 A denominação, que tu tomaste  
 Sol, e Lua já foram adorados;  
 Em ti pelos Romanos enganados.

## X.

Se as antiguidades dos Romanos  
 O nome, bella Cintra, te tem dado,  
 Isto foram destinos sobr'humanos  
 Para já ser então presagiado  
 O tempo d'outros cultos não profanos,  
 Em que deya em ti ser venerado  
 Outro Sol verdadeiro, e mais bello,  
 E o tempo chegou em fim a vel-o.

---

(8) Eis-aqui a origem historica do nome de Cintra. No tempo em que os Romanos eram senhores da Hespanha, e Lusitania, Sestio Accidio Legado, governador da Lusitania ordenou, que pelos moradores de Lisboa se dedicasse um Templo a Phebo (Sol), e a Diana (Lua) no sitio aonde a Serra de Cintra se lança no mar, e faz aquelle grande cabo (chamado da Roca) tão celebre dos geographos. São palavras formaes de D. Rodrigo da Cunha na sua Historia Ecclesiastica de Lisboa. Part. I. cap. VII. §. 4. Já Resende de Ant. Lusit. pag. 38 tinha dito o mesmo por estas formaes palavras: Ad radices montis in ipso promontorii ea-

## XI.

Pois na Pena já 'steve permanente  
 Em Sacrario o mais rico, e primoso,  
 Tambem se lá venera igualmente,  
 Não Cynthia, como em tempo fabuloso,  
 Mas, aquella, que muito felizmente  
 Nas Estrellas seu Throno magestoso  
 Tem firmado, e a Lua por peanha  
 A seus pés p'ra que o bem ao Mundo venha,

gumine, quo in Oceano præcipitatur, Templum olim fuit Soli, et Lunæ sacrum. Cujus modo inter littoraleis arenas ruinæ tantum extant, et cippi aliquot inscripti superstitionis antiquæ indices; e depois refere as letras dos ditos cippos desta maneira:

SOLI ET LVNAE  
 CEST. ACIDIUS  
 PERENNIS LEG.  
 AVG. PR. PR. PRO.  
 VINCIAE LVSI-  
 TANIAE.

outras

SOLI AETERNO. LVNAE PRO AE-  
 TERNITATE IMPERII ET SALVTE  
 IMPE. CAI:: SEPTIMI. SEVERI  
 AVG. PII. ET IMP. CAES. M AVRELI  
 ANTONINI AVG. PII::

..... CAES.  
 ET IVLIAE AVG. MATRIS. CAES.  
 DRVSVS VALER. COELIANVS VIA-  
 TI VSI:: AVGVSTORVM CVMSV:: ALE::  
 NI:: SVA ET Q. IVLIVS. SATVR. QVAL:: ET  
 ANTONIVS::

## XII.

Tambem a natureza poderia  
 Dizer alguma cousa do teu nome,  
 Alta Serra de Cintra, e se diria,  
 (A Natureza nunca se consome  
 Como os factos Historicos do dia)  
 Que faz que muitas vezés lá se tome  
 D'objecto natural o nome certo  
 D'alguma povoação, ou de deserto.

---

O mesmo Resende explica as inscripções desta maneira, a da primeira assim: *Soli, et Lunæ Cestius Acidius Perennis Legatus Augustalis Proprætor provinciæ Lusitanicæ.* — Em Portuguez: *Cestio Acidio perenne Proprætor Augustal* (Lugar-Tenente d'Augusto) na Provincia da Lusitania dedicado ao Sol, e á Lua. A da segunda deste modo: *Soli æterni, Lunæ pro æternitate Imperii, et Salute Imperatoris Caii Septimii Severi, Augusti, Pii, et Imperatoris, Cæsaris Marci Aurelii, Antonini Augusti Pii, Cæsaris, et Julię Augustæ Matris Cæsaris; Drusus Valerius Cœlianus, Augustorum sua, et Quintus Julius Saturninus, et Antonius.* A explicação que lhe dá Resende não é de todo exacta, nem o pode ser porque algumas letras estavam já sumidas nos intervallos, que elle aponta com pontinhos. Contudo a traducção que lhe dá — a Cintra Pintoresca — é da maneira seguinte. = Druso Valerio Celiانو dedicou esta memoria ao Sol eterno, e á Lua pela eternidade do Imperio, e saude do Imperador Cezar Septimio Severo, Augusto Pio, e do Imperador Cezar Marco Aurelio Antonião Augusto Pio, e de Julia Augusta mãe de Cezar. = mas deixou de explicar as letras, que se seguiam, porque como a inscripção estava interpolada pelas letras safadas, não se pôde bem interpretar, mas collige-se que no empenho desta memoria entraram tambem Quinto Julio Saturnino, e Antonio. Mas pergunta-se porque o Sol se chama — Cynthio,

## XIII.

E' a Serra de Cintra baseada  
 D'um modo tal, e tão maravilhoso,  
 Que á primeira vista analyzada  
 Lá parece um triangulo formoso;  
 A base desta forma é chamada:  
*Syntropus*, (9) ou um vaso tripodoso;  
 De maneira, que até a posição  
 Dá a Cintra mui grande perfeição.

---

— e a Lua — Cynthia? — Os Gregos, e os Romanos, nomeavam as suas fabulosas divindades por diversos nomes, por exemplo ao Sol nomeavam — Apollo — Phebo — e Cynthia, e á Lua davam os nomes de Diana, Lucina, Noctiluca, Cynthia etc., e a razão porque chamavam Cynthia ao Sol, e Cynthia á Lua, Cynthius Apollo, qui et Cynthius absolute dicitur, sic Diana Cynthia dicitur (Calep), é porque a historia das Fabulas dizia, que o Sol, e a Lua tinham nascido, e sido creados no Monte — Cyntho — na ilha Delos: in hoc monte nati, atique sunt. Hinc Cynthius ille, hæc Cynthia appellati (Calep). E quem sabe se os mesmos Gregos chamariam antigamente — Cyntho — por similitude ao Monte da Serra de Cintra? Plinio (Libr. IV. cap. XX) diz que no seu tempo uns lhe chamavam = Promontorium Artabrum — outros — Magnum — outros — Olisiponnense — Caledonio, citado por Hugo bispo do Porto, por Lousada, e por D. Rodrigo da Cunha, lhe chama — Promontorium Cynthium, quando refere as peregrinações Apostolicas de S. Pedro de Rates discipulo de Sant'Iago: Inde digressus Tyde (Tuy) Iriaque (o Padrão) prædicat per totam maritimam oram ad Promontorium usque Cynthium, sive Olisenum.

(9) *Syntropos* grego, que é o mesmo, que o Tripus tripodis, latino, quer dizer um vaso, ou outra qualquer coisa que assenta em duas bases, ou pés.



## XIV.

Quem vai á Serra dar o seu passeio  
 Não encontra na vista só dos Montes,  
 Dos Valles, e dos Mares o recreio,  
 Mitiga a sua sede lá nas Fontes  
 Descança da jornada lá no meio,  
 E vê por toda a parte os horizontes,  
 Sentado nos *Synthronos* (10) dos Rochedos,  
 (Assim se chama aos bancos dos Penedos).

## XV.

Continúa o passeio prolongando,  
 E lá vê muitas vezes de repente  
 Uma scena em que não ía pensando,  
 E na qual lhe parece ter presente  
 Esse fogo Diviño inflammando  
 A Çarça, que Moysés antigamente  
 Vio sem arder; assim o Sol parece  
 Quando lá no *Syntrophe* (11) resplandece.

---

(10) *Synthronon*, grego, quer dizer o banco, ou degráo d'um theatro, ou d'um throno.

(11) Ainda que Apulejo (de herb. cap. 8) chama em grego — *Syntrophion* — a esta planta, contudo o nome por que ella é mais conhecida em grego, é — Batos; em latim — *Rubus*; — em italiano — *Rovo*; — em francez — *Ronce*; — em alemão *Bramen*; — em belga — *Braemen* e *Breemen*; — em Bohemio — *Wostruzina*; — em inglez — *Bramble bush*; — em hespanhol — *Çarça*; em portuguez — *Silva*. — *Çarça* — Os fructos chamam-se em grego — *Moron tes baton*

## XVI.

Quando a Balsa das Silvas é mui densa,  
 E o Sol a penetral-a bem forceja,  
 Quem contempla esta linda scena, pensa,  
 Que não ha outra cousa, que se veja,  
 Senão grupos de multidão immensa  
 D'estrellinhas. Nenhuma, que não seja  
 A mais bella, a mais linda, e brilhante,  
 A mais lucida, clara, e scintillante.

— ou Moron batinon; — em latim — *Morum Rubi* — e os droguistas lhe chamam — *Mora-bati* — outros — *Morabassi*; — em italiano — *Mora di rovo* — ou *gelsa di rovo*; — em francez — *Meure de ronce*; — em alemão — *Brombeer*; — em belga — *Braëmbesien* — ou *Haghesien*; — em bohemio — *Wostroziny*; — em inglez — *Black berries bush*; — em hespanhol — *Çarçamoras*; — em portuguez — *Amóras de Silva*. — Todos conhecem esta planta, e seus fructos, que são doces depois de maduros, e são saudaveis, mas fazem dôr de cabeça a quem os comer muitas vezes, como diz Galenô. A Silva tem a virtude de facilitar o curso da urina, e desfazer a pedra, principalmente as flores, os fructos, e a raiz tomadas em decocção, isto é, cozidas em vinho, e bebidas. Isto dizem *Plinio* (lib. 24. cap. 13) *Lonicero*, *Dodonco*, *Lemery*, *Virey*, e outros. As amóras, quando ainda não estão maduras, são astringentes, as folhas, e gomos tenros das Silvas, cozidas em vinho, e tomando-se bochechos deste cosimento morno, fortificam as gengivas, e as alimpam d'alguma podridão, que possam ter; também fortificam os dentes, e tornam firmes os que abansarem, também curam o mal da garganta, tomando-se gargarejos com este cozimento. São as virtudes, de que desta planta pode colher noticia pelos referidos auctores; e já que faliei em Silvas, aproveito esta occasião para dar uma breve noticia das outras especies de Silvas. Ha

## XVII.

Mas se acaso não é tão condensada,  
 O Sol, ahí se mostra todo inteiro  
 Sem que sua luz fique lá manchada  
 Pelas sombras do arbusto espinheiro;  
 O Sol absorve a si essa ramada,  
 E parece um mysterio verdadeiro,  
 Que o Sol não consuma esta planta,  
 Quando d'ella se apossa em força tanta.

uma especie de Silva, que em grego se chama — Bátos Idáia; — em latim — *Robus Idæus* — em italiano — *Rovo d'Ida*; — em alemão — *Himbramen*; — em Belga — *Hinnebesien*; — em francez — *Framboise*; — em inglez — *Framboyse* — *Raspis* — *Hindberry*; — em hespanhol — *Çarça de Idéa*; — em portuguez — *Framboeza* — ou — *Silva framboeza*; e tambem alguns lhe chamam — *Framboazes*. — São bons, e saborosos os seus fructos, que são do feitio das amóras das Silvas da primeira especie; mas a côr, quando estão maduros, é amarellada; não são doces como as outras amóras; mas tem um acido agradavel. O cazeiro da quinta do Marquez de Pombal em Cintra tem multiplicado muito esta planta, e procuram-lhe muito este fructo para uma especie de doce, e tambem para comer simplesmente.

A outra especie de Silva é a que em grego se chama — *Cynosbatos* — e — *Cynorrhodos*; — em latim — *Rosa silvestris* — *Rosa canina*, — em italiano — *Rosa salvatica*; — em alemão — *Wilde rosen* — *Hectrosen*; — em belga *Wilde roosen* — em francez — *Rose sauvage* — *Rose de chien* — *Eglantier*, — *Eglantine* — em hespanhol — *Rosa canina* — *Rosa de perro* — em inglez — *Sweetbriar rose*; — em portuguez — *Rosa canina* — *Rosa de cão* — *Rosa brava* — *Silva macha* — *Silvão macho* — *Madre silva*. — Em Cintra eria-se muito alta, tem muitos

## XVIII.

Ainda não é tanto a belleza  
 Das coisas que na Serra admiramos,  
 E que aqui produz a natureza,  
 A que curiosamente mais notamos,  
 Mas a variedade, e a riqueza  
 De tudo quanto aqui nós encontramos,  
 E' a que mais attenção nos merece,  
 E a que mais admiravel nos parece.

## XIX.

Se acaba de ver o viajante  
 Uma serie admiravel de Rochedos  
 Caminhando depois mais adiante  
 Um Val'acha de traz desses Penedos  
 Guarnecido de mato verdejante,  
 Mais além verdes Prados, e arvoredos,  
 Cujá vista surprende o passageiro;  
 Pára a passo em que ía mui ligeiro.

---

bicos; a folha é quasi similhante á das roseiras; as flores similhantes ás rosas singellas, tem cinco folhas, são incarnadas esbranquiçadas; são refrigerantes; os fructos são bons para temperar a natureza (Lon). A raiz, segundo diz Plinio (Lib. 8. cap. 21.) e seguiram depois delle alguns auctores, é remedio unico para curar os effeitos da mordedura de cão damnado. A *morsu (canis rabidi) unicum remedium radix silvestris rosæ, quæ Cynorrhodos appellatur.* O mesmo affirma Dod. citando a Plinio. Virey diz o contrario: *sa racine a eté racommendée dans l'hydrophobie assez ridiculement, e diz que o seu fructo é astringente.*

## XX.

Mas a outro oiteiro mais passando,  
A vista se lhe perde lá nos mares,  
Vê lá muitas bateiras, que pescando  
Immóveis lá parecem 'star. Aos pares  
Vão outra posição já procurando.  
A vista volta á terra, e vê Pomares,  
E outros sempre verdes arvoredos  
Abrigados dos Montes, e Penedos.

## XXI.

O murmurio das aguas, que descendo  
Appressadas levar vão sua riqueza  
A Jardins, e Pomares, que, bebendo  
Cristalinas doçuras, a belleza  
Lhes devem de que gozam, e revendo  
S' estão nas bellas flores, e nobreza  
De seus mui saborosos lindos fructos;  
Tudo encanta o viajante lá nos c'rutos.

## XXII.

Nestes sitios encontra monumentos  
Dos Romanos, (antigos moradores  
Desta terra); existem pois fragmentos  
De pedras com signaes indicadores,  
Da sua idolatria documentos,  
Como do Sol, e Lua adoradores,  
Em fim, melhores tempos lhe chegaram  
Em que a Fé verdadeira já tomaram.

## XXIII.

E quantos monumentos vai achando  
 Por todos estes sitios da Serra,  
 Cada um como Padrão mui venerando  
 Da Santa Fé, que tanto nesta terra  
 Vigorou, como estão inda mostrando  
 Tantos Templos, e Cruzes, que da guerra  
 'Scapar poderam ao furor insano,  
 A esse furor cégo, e profano?

## XXIV.

Porém descendo á ladeira amena  
 Que olha para a parte lá do Noite (12),  
 Cousa nenhuma acha por quem,  
 Que não se lhe admire alguma sorte  
 De bello; cada rua nova scena,  
 Nova scena o Rochedo alto, e forte,  
 Que entre os verdes Bosques se levanta;  
 Quem poderá cantar belleza tanta? (13).

---

(12) O sitio mais bello de Cintra é a ladeira do Norte desde a Villa de Cintra até á de Colares. As quintas muradas, os grandes castanhaes, sobreiraes, pinhaes, matas de silvas, urzes, carrascos, medronheiros, foeados, zanguinhos, giestas, carvalhos, carvalhiças, terras de trigo, e milho, pomares, vinhas, parreiras, jardins murtas, muitas ervas medicinaes, os altos rochedos apparecendo por cima da immensa verdura, aqueductos, cano, ribeirinhos, rios, cascatas naturaes, e artificiaes, fontes ruas acompanhadas de buchos, azereiros, tilias, faias, choupos, alemos; as brancas casas, palacios, templos, ruidas, appa-

recendo por entre a verdura; estradas, e ruas em apraziveis labyrinthos; tudo, tudo forma a mais linda perspectiva.

(13) Oh! quanto é applicavel a estes deliciosos sitios, o que bellissimamente cantou Melastasio na sua Ode descriptiva da = *deliciosa residencia Imperial* (em Vienna d'Austria) *chamada* — o Schombrunn!

Vasto pian, terren sublime,  
 Chiare Fonti, e selve amene,  
 Vie distinta in varie scene,  
 Bien può quindi ognun scoprire,  
 Ma non già facondia alcuna  
 Le bellezze ad una ad una  
 Ne saprà giammai ridir.

Tenho feito neste primeiro canto uma breve descripção geral de Cintra; agora passo a fazer a descripção especial dos principaes pontos destes sitios, e para que o viajante me acompanhe com ordem, e prazer na visita da delectosa Cintra, irei cantando os pontos mais salientes pelos numeros seguintes: 1.º O Canafrim, Cruzalta, e Reaes Jardins; 2.º a Pena, 3.º O Castello dos Mouros, o Valle da Trindade ao Nascente, e o Valle da Lavadeira, e Valle Martinho ao Poente; 4.º A Villa de Cintra, Paço Real, e Quintas vizinhas; 5.º Seteaes, Pena Verde, e Valle dos Anjos; 6.º Monserrate, Capuchos, e Piedade; 7.º Colares, e seus arredores, 8.º Almoçegeme etc. 9.º Peninha 10.º Penha longa.

FIM DO CANTO I.





— — — — —

## A CINTRIADA.

— — — — —

### CANTO II.

#### I.

Agora me dirijo á alta Pena ;  
 Já não vejo caminhos escabrosos ,  
 Já não vejo uma estrada mui pequena ;  
 Atalhos não ha já difficultosos ,  
 Agora já é tudo nova scena ,  
 Larga estrada (1), Passeios espaçosos  
 De Plantas, e Jardins acompanhados ;  
 Estes sitios vejo transformados.

#### II.

Parece, que a voz suave e doce  
 Desse Amphion antigo (celebrado (2)  
 Por ser o fundador de Thebas) fosse  
 A voz, que nestes sitios deu brado,  
 E que destes Penedos tomou posse,  
 Que tantas maravilhas tem obrado,  
 Mudando toscas pedras em Castellos,  
 Em Porticos soberbos, e mui bellos.

---

(1) Esta rica, e pintoresca estrada, se começou no an-

## III.

Tu, Canafrim (3) levantas a cabeça  
 Para veres Lisboa lá distante,  
 Todos sabem quanto ella t'ó merega,  
 Quando era dominada do Turbante,  
 (Para que tua gloria mais cresça)  
 Amostrastes ao Rei, que triumphante,  
 Debellando aos Mouros nella entrou,  
 E por ti de Christãos a povoou.

no de 1839 com tanto empenho e gosto, que no seguinte anno de 1840 estava concluída.

(2) *Dictus et Amphion, Thebanæ conditor Arcis  
 Saxa movere sono testudinis, et prece blanda  
 Ducere, quo vellet.... Hor. Art. Poet. v. 192.*

(3) Ha nestes sitios dois nomes — Canafrim ou Canaferrim, e Penaferrim; não sei a qual dos dois montes pertence o nome de Canafrim, se ao do Castello, se ao de Santa Eufemia. O logar, e a igreja parochial de S. Pedro, que não tem outro nome senão o de S. Pedro de Penaferrim, parece que trouxeram este nome do Castello dos Mouros, aonde foi primitivamente a igreja de S. Pedro; que foi substituida pela que agora se acha na margem da Serra de Santa Eufemia, por onde conjecturo, que Penaferrim é propriamente o Castello dos Mouros, e o de Santa Eufemia será o Canafrim, e assim parece que o soppôz o auctor da Cintra Pintoresca, porque em logar de lhe chamar S. Pedro de Penaferrim, como o vulgo lhe chama, elle o nomea S. Pedro de Canaferrim. Seja o que fôr, o certo é que existem estes dois nomes: e eu tomo a liberdade de dar o nome de Canaferrim ao monte de Santa Eufemia.

## IV.

Estendes o teu braço a Pedro Santo (4)  
 Para seres por elle abençoado;  
 Sustentas em teus hombros entretanto  
 Esse Templo d'Eufemia Sagrado (5),  
 Onde tem consolado no seu pranto  
 Os devotos, que a tem lá visitado.  
 Estavas só cercado de Rochedos,  
 Não tinhas outro ornato que Penedos.

---

(4) O Canafrim se abaixa para o Nordeste até junto da igreja de S. Pedro.

(5) Não sei quando se fez a ermida de Santa Eufemia. Achando-se arruinada a mandou reedificar uma Hilaria Fernandes com ajuda de algumas esmollas, que juntou, e alcançou licença para nella se dizer Missa no anno de 1580. Diz-se que nesta ermida estavam reliquias da Santa, e que no anno de 1670 foram transferidas para a igreja de S. Miguel. Veja-se a obra intitulada — Cintra Pintoresca — pag. 100. Na parede desta Ermida da parte de fóra ao Norte está uma como Ermiçinha com assentos á roda, e feita á maneira de uma fonte de banhos, e na parede que é guarnecida de azulejos, está pintada S. Eufemia de joelhos com as mãos prezas em acção de que está para receber o ultimo golpe do Martyrio, estando tambem pintado junto da Santa um algoz com a espada levantada em acção de lhe descarregar o golpe; está tambem pintada outra figura que representa o pai da Santa, e um Anjo, na acclitudo de lhe pôr na cabeça com uma mão a corda do martyrio, e de ministrar-lhe com outra a palma do triumpho. E no mesmo azulejo o letreiro seguinte: — « Este é o lugar aonde appareceu a milagrosa Santa Eufemia da Serra de Cintra, filha de um barbaro, e gentio da cidade de Braga, chamado Cathilio, ou Caio Atilio, e sua mãe tambem genitora, chamada Calcia, que a teve, e oito irmãs, todas de um parto, e todas foram Martyres, por mandado de

## V.

Mas que mudança em ti não vez agora?  
 Pela direita vaes acompanhado  
 De bella, e rica estrada que outr'ora  
 Fora caminho estreito, e acanhado;  
 Agora o acompanha rica Flora  
 Com seus lindos ornatos pelo lado,  
 Proporcionados muros o acompanham,  
 E cristalinas fontes lá o banham.

» seu pai, no segundo seculo, annos de Jesus Christo 125,  
 » a qual Santa é advogada de todas as enfermidades do cor-  
 » po, principalmente da Sarna, e do figado, e corpos cha-  
 » gados, que tudo cura com agua da sua fonte, que assim  
 » o dizem os que tomam os banhos no seu tanque. E esta  
 » pégada, que se vê nesta pedra dizem que fora aonde a  
 » Milagrosa Santa pozera os pés, quando appareceu. Anno  
 » de 1787. » O anno, que aqui aponta de 1787, indica o  
 » anno em que esta inscripção fora feita, prova de que ainda  
 » nesse anno era frequentado este banho, de que já havia no-  
 » ticia, e já era frequentado no anno de 1452, se é verda-  
 » deiro o facto, que refere o Abbade Castro de que nesse an-  
 » no viera aqui tomar banhos para se curar da Lepra o Arce-  
 » bispo de Lisboa D. Luiz Coutinho, (filho de Gonçalo Vaz  
 » Coutinho, segundo Mariscal do Reino, Alcaide-mór de Tran-  
 » coso, e de Lamego, Senhor do Coito de Leomil, e de D.  
 » Leonor Gonçalves de Azevedo, d'uma das mais illustres fa-  
 » milias do Reino), que fora eleito Bispo de Lamego pelos  
 » annos de 1440, de Coimbra em 1444, e de Lisboa só sete  
 » mezes em 1452. Diz o mesmo Abbade Castro que este Arce-  
 » bispo morrera em Cintra, e que estava sepultado nesse se-  
 » pulchro que ainda hoje se vê á margem da estrada de Lisboa  
 » para Cintra entre o Ramalhão, e S. Pedro, chamado vul-  
 » garmente a sepultura dos dois irmãos, que está aonde em  
 » outro tempo fora o cemeterio do Hospital chamado dos Ga-  
 » fos. Mas João Baptista de Castro no seu Mappa de Portu-  
 » gal Tom. 3. pag. 129 diz que não consta aonde este Arce-  
 » bispo morreo, nem quando.

## VI.

Que bella perspectiva te guarnece  
Pelo lado que olha pr'o Nascente!  
Nos verdes arvoredos apparece  
A Igreja de São Pedro, e juntamente  
Uma povoação linda que merece  
O nome de Paraizo mui ridente,  
De cristalinas aguas bem regado  
E por praça um largo, e bello prado.

## VII.

A' ladeira da Serra encostada  
Lá se vê uma Quinta mui formosa,  
Em lindas alamedas recortada,  
Em labyrinthos ledos graciosa,  
De matas, e Pomares adornada,  
E nas flores, e fructos primorosa.  
Lá entre arvoredos tem um lago,  
Onde o raio do Sol anda undivago.

## VIII.

No meio de verdura se levanta  
Uma formosa casa, que parece  
Um Palacio encantado, que tanta  
E tanta variedade nos off'rece,  
Umaz vezes sua vista nos encanta,  
Outras vezes de todo desaparece,  
As nevoas com seus veos no-lo encobrem,  
Mas os raios do Sol no-lo descobrem, (6)

## IX.

A Aurora lhe mostra a linda face,  
 O Sol apenas nasce o visita,  
 A cristalina Fonte d'elle nasce,  
 A Philoméla junto d'elle habita,  
 Junto d'elle Abelha alegre pasce,  
 O Melro nos seus cantos s'accredita,  
 Pela costa da Serra é abrigado,  
 Pelos Zephyros brandos visitado.

---

(6) E' muito lindo, ameno, e alegre este sitio, que abraça o lugar de S. Pedro de Pena-ferrim, a quinta de João Evangelista da Silva Pereira, a do Marquez de Viana, que é a de que faço a pequena descripção; e todas as cazas, que estão d'um, e outro lado da estrada até ao Fetal; a quinta do Ramalhão; o lugar da Ranholes, e a quinta de Ignacio de Barros. A Igreja de S. Pedro está quasi encostada á Ladeira da Serra; nesta Igreja se conserva presentemente em deposito o corpo da Rainha D. Carlota Joaquina de Bourbon, mulher d'El-Rei D. João VI. Nesta Igreja se faz com toda a solemnidade a primeira communhão dos Meninos; para esta Igreja vem em solemne Procissão a Senhora da Pena na tarde do dia em que na Pena se faz a sua Festa, acompanhando-a sempre, e a pé desde a Pena até á dita Igreja com muita, e exemplar devoção a Rainha D. Maria Segunda, e seu marido El-Rei D. Fernando, que sentados nas cadeiras que se lhes preparam na referida Igreja, ouvem com muita attenção o Sermão da tarde. Nesta Igreja celebrou de Pontifical no dia de S. Pedro deste anno de 1845 o Nuncio Apostolico que ora se acha no Reino. Chama-se este Nuncio Camillo de Pietro, Arcebispo honorario de Berytho, que foi passar parte do verão nestes sitios, fixando a sua residencia durante este tempo em uma caza em Ranholes, que fica da parte de cima da Estrada ao norte della. Tinha a Igreja de S. Pedro em outro tempo quatro Beneficiados, os

## X.

Canafirim, Canafirim, quantas bellezas  
Encontraria em ti o viajante  
Se em todas as tuas miudezas  
Levasse a sua analyse ávante.  
As devoções antigas Portuguezas  
Fundadas em fé firme, e mui constante  
Te trouxeram aqui muitos devotos,  
Cumprindo a Santa Eufemia seus votos.

---

quaes eram obrigados a ir todos os sabbados dizer Missa á Ermida de Nossa Senhora da Pena, e para não faltarem em cumprir este encargo, El-Rei D. João I. lhes fez mercê d'um moio de trigo cada anno por carta passada em Cintra a 8 d'Agosto de 1387. Existe ainda no logar de S. Pedro uma capella, que era do antigo Hospital dos Gafos, que aqui havia, e que foi encorporado na Misericordia da Villa de Cintra por D. João III. a 23 de setembro de 1545. Ha neste logar um largo, e alegre terreiro, aonde se faz uma feira cada mez, sendo a maior dellas, que é annual, a do dia de São Pedro, que dura tres dias; aqui se arma tambem o fogo d'artificio á noite do dia da Festa de Nossa Senhora da Pena, aonde concorrem todos os saloios destes arredores, e toda a gente da Corte, que então se acha em Cintra. Este anno foi lindissimo o fogo; mas o que tornou mais lindo este sitio este anno foi a illuminação da casa do Marquez de Viana, feita pela mais agradavel simetria, acompanhando em todo o seu comprimento toda a linda faxada da casa, varanda, e janellas, e por entre as muitas lanterninhas, que formavam a simetria, se viam muitos balõesinhos illuminados, que formavam a mais engraçada grinalda, dando-lhe muita graça o estarem buliçosas, porque o vento as não deixava estar quietas, e algumas apagou antes de tempo. As grandes luzes, que alumiam as ruas da quinta, que por entre arvoredos conduzem para a caza, tornavam este sitio ver-

## XI.

Não é só a Natureza, e mais Arte  
 As que muito te tem ennobrecido  
 A Religião tambem teve sua parte  
 Nessa fama, que tu tens adquirido,  
 Porque se dos empenhos de Marte  
 Se diz ter a passagem por 'qu'í sido  
 Desses nobres guerreiros Lusitanos,  
 Elles eram christãos, e não profanos.

---

dadeiramente encantado. Ao longo desta praça de S. Pedro corre o muro da referida quinta, que o Marquez de Viana acabou de embelezar este anno com um formoso, e espaçoso lago, com uma ilhota no meio, e um lindo bote no lago. As cristalinas aguas, que regam esta quinta, e enchem o lago, nascem dentro da mesma quinta, e a maior parte nasce debaixo da mesma caza. A caza, ainda que não mui grande, está mui bem feita, muito bem repartida, lindas salas, e quartos; a sala principal é um jardim artificial, porque as suas janellas, que d'um, e d'outro lado se correspondem perfeitamente, lhe communicam a luz do dia com economia por entre grupos de flores artificiaes. Da sua bella varanda que está virada para o Nascente se vê a Aurora, o nascimento do Sol, a estrada de Lisboa, e se ouvem o mavioso cantar dos Rouxinões, os requêbros dos Melros, o engraçado gorgeio dos tordos, a agradável zunida das Abelhas, a doce queda das aguas, e o suave sibillar dos zephyros. Em fim deste logar de S. Pedro começa a famosa estrada, de que fiz a descripção na primeira, segunda, e quinta Estancias deste 2.<sup>o</sup> Canto. Vai sempre acompanhando o lado direito do Cacafrim até á porta da real quinta, e da antiga cerca dos Frades Jeronymos, vai sempre acompanhada de muro d'um e d'outro lado; a maior parte do qual a mandou fazer o proprietario João Evangelista da Silva Pereira que fez tambem uma fontinha no muro da parte esquerda quasi



## XII.

Mas indo mais acima desta Serra,  
 Eu vejo essas Rochas que poisavam  
 Em nua, apenas mal vestida terra  
 De matos mui agrestes, que os cercavam,  
 Quanto agora este sitio encerra  
 Muitas plantas tem já que lá não 'stavam  
 Os Penedos em leitos já de Flores  
 Poisam, como verás, se tu lá fores.

## XIII.

Digno chão de que um Rei (7) o cultivasse  
 E que nelle plantasse lindas flores,  
 A fim de que melhor se conservasse  
 A memoria do Rei (8) dos vencedores,  
 Que antes que a Lisboa avançasse,  
 Estes sitios pizou encantadores,  
 A fim de libertar toda a nação  
 Do poder, que não tinha Rei christão.

---

junto do portão da quinta real, e nesta mimosa fonte se lêem em azulejo a letras iniciaes do nome do referido proprietario desta maneira J. E. S. P. Da parte de dentro da quinta Real, se vêem á margem esquerda da mesma estrada outras duas fontinhas e a estrada continua até ao interior do largo da Pena, e por ella podem subir, e descer grandes carruagens mui commodamente. Foi preciso vencer muitas difficuldades para fazer esta estrada; mas o animo, e genio comprehendedor d'El-Rei D. Fernando, tudo venceu.

(7) D. Fernando.

(8) D. Affonso Henriques.

## XIV.

Além jaz outro cumulo fronteiro,  
Entre todos o mais alevantado,  
Parece quiz aqui ser o primeiro  
Entre todos da Serra nomeado,  
Entre todos aqui não tem parceiro,  
Das nevoas é primeiro visitado,  
Nas nuvens a cabeça elle esconde,  
A's vezes quero vel-o, não sei onde (9).

---

(9) Sabindo-se do sitio, aonde está a capella de Santa Eufemia, se vê a pouca distancia o muro da quinta real, que corda o cabeça mais alto do Canafrim, que intermediando uma pequena baixa, se communica com o mais alto Monte, que tem a Serra de Cintra, chamado a Cruz-alta que domina toda a Serra. No referido cume do Canafrim está um poizo redondo feito de pedra, e cal, e coberto de asphalte, mandado fazer por El-Rei D. Fernando. Deste poizo se vêem muito á vontade os sitios mais altos de Lisboa. Deste ponto supponho eu, que El-Rei D. Affonso Henriques vio Lisboa, quando meditava tomar a aos Mouros, e que aqui traçou o plano para o assalto. Ao monte da Cruz-alta não se póde subir, senão vencendo difficuldades, porque é preciso ir saltando de uns para outros penedos, que são todos roliços, e travados uns com os outros. Uma vez, que subi a este Monte desfructei a mais linda vista. Estava bom sol; mas a serra estava toda coberta de nevoa até ao mar; eu via a nevoa pela parte superior, que era alvissima pelo Sol. Não sei explicar os sentimentos da minha alma naquelle momento. Tudo plano me parecia um Ceo cristalino; a mais doce, e terna saudade me rodeava; eu via uma imagem do Ceo, aonde não estava mais nenhum vivente, se não eu. Eis-aqui um dos prazeres de que se gosa na Serra de Cintra. A baixa, que medeia entre o Canafrim, e a Cruz-alta, é tudo um jardim mandado fazer por El-Rei D. Fernando.

## XV.

Chama-se pelos povos a Cruz-alta,  
Talvez porque tivesse arvorada  
A Santa Cruz, que agora já lá falta,  
E teria já lá sido adorada  
Entre tantas da Serra a mais alta;  
Memoria tantas vezes venerada  
Pelos nossos antigos Portuguezes,  
Que tambem tem soffrido seus revezes.

## XVI.

Se a Pena, e Cruz-alta aqui nos fazem  
Lembrar o Cyrha, e Nisa dois oiteiros,  
Que lá nas do Parnaso alturas jazem,  
Que tambem um ao outro são fronteiros  
Que lembranças d'antigas Musas trazem;  
Com tudo lhes faltavam os canteiros  
Destas mui lindas flores qu' enriquecem  
A Pena, e Cruz-alta, que guarnecem.

---

e se chama o Jardim do Poço, porque aqui se vê um poço no meio d'um mimoso prado donde se regam as flores. Aqui se vêem as folhudas Cynoglossas ornando as margens das ruas dos jardins; aqui as geranias, as rosas etc. de que em outro lugar farei a descripção.

## XVII.

O Parnaso um Loureiro apenas tinha (10)  
 Que era mui copado, e afamado,  
 Aonde Apollo com suas Musas vinha.  
 Mas que tem tudo isto comparado  
 Com a Pena, e Cruz-alta visinha?  
 De lindas flôres tudo está ornado.  
 No Parnaso as Musas lá cantavam,  
 Aqui servos de Deos a Deos louvavam (11).

## XVIII.

Não tinha o Parnaso formosura, (12)  
 Só se viam lá Rochas escarnadas,  
 Postas em theatrosa formatura  
 Em sitio mui horrendo collocadas (13),  
 Que agora é chamado *Liacura* (14),  
 Em Cintra té as Rochas são ornadas  
 De recortado musgo, e verde era,  
 Que sempre estão na sua Primavera.

(10) *Laurus laudatissima*, et plurima, (Calep.)

(11) Os Monges de S. Jeronymo.

(12) Apenas tinha nas suas baixas alguns formosos pinheiros. Pins tres agreables. Du rest c'est un pais sec, et sterile. (De la Martiniere. Dicc. Geogr.)

(13) *Rupes undique præceps in formam Theatri*, quæ situ horrorem visentibus facit. (Calep.)

(14) *Parnassus a Barbaris Liacura*, (Calep.)

## XIX.

As Musas no Parnaso não achavam;  
Se não um triste ceo mui fabuloso,  
Onde pobres sciencias circulavam;  
Mas aqui tudo é grande, e magestoso,  
Aqui povos a Cruz-alta (15) adoravam  
Neste sitio de paz, e mui saudoso,  
Que parece um ceo anticipado,  
Onde Deos verdadeiro é louvado.

## XX.

Nuvens, nevoas, trovões, os Ceos, e Terra,  
Ventos, ares, relampagos, e raios,  
Tudo é magestoso nesta Serra,  
Muito embora haja sustos, e desmaios,  
Muito embora pareça uma guerra  
Lá do Ceo com a Terra; consid'rai-os  
Signaes da verdadeira Divindade,  
Que fez a Natureza, e a verdade.

---

(15) N'outra parte farei a descripção historica, e mystica da Cruz.

## XXI.

Mas desçamos agora a Val-Martinho (16)  
 A este Valle, que val um Paraizo,  
 Vamos a colher um ramalhetinho,  
 Onde tudo são flôres, tudo um rizo,  
 Por um, e outro lado do caminho;  
 Se não vou com cuidado flôres pizo,  
 Porqu' estão estendendo as cabecinhas  
 Para comprimentarem as visinhas.

---

(16) Dentro da mesma Quinta Real, que abrange toda a antiga cerca dos frades Jeronymos, ha alguns sitios conhecidos com seus nomes proprios, taes são: o Pomar, os sete Pinheiros, o Valle das Giestas de cima, o Valle das Giestas debaixo, o Valle Martinho, e o cerco dos Frades. Quando se desce do jardim do Poço, que já descrevi, entre o Canafrim, e Cruz-alta, ou mesmo quando sem ir a este jardim se desce immediatamente da Praça dos Toiros (assim se chama aquelle largo, que está á raiz da Pena do lado do Sul, onde os antigos Romeiros da Senhora da Pena, corriam touros, e agora é uma linda Praça em forma quasi quadrada, rodeada de baixo muro acompanhado de jardins) quando, digo, se desce daqui por lindas, suaves, e tortuosas ruas todas ajardinadas, se passa por um mimoso pinhal, a cuja sombra estão duas cadeiras de braços, feitas de páos de sobreiro com a sua cortiça virgem, como se costumam usar nas ruas, e passeios das Quintas de Cintra e Arrabal-des de Lisboa; nestas duas cadeiras se tem sentado muitas vezes Suas Magestades D. Maria II. e seu marido D. Fernando, o que deve tornar memoravel esta estação. D'aqui se desce a Val-Martinho por uma boa estrada, que passando pela margem do Valle do Pomar, se vai ter á Fonte dos Passarinhos, e d'ahi se desce até ao primeiro dos tres Lagos, que tem o Valle Martinho; este valle corre de Sul a Norte; desde este lago que é o mais de cima, descendo pa-

## XXII.

Que planta será esta tão mimosa ,  
Que estende pela terra seus raminhos ,  
Que tem folha tão miuda , e tão viçosa ,  
Mostrando tão pequenos botõesinhos ,  
E flôr tão delicada , e tão vistosa ,  
Por fructos certos grãos tão miudinhos ?  
Serás alguma erva destinada  
Para alivio de gente molestada ?

---

ra o Norte até á quinta do Marquez de Pombal , se chama Valle Martinho , ou Valle de Martinho ; e do mesmo lago caminhando para cima para a parte do Sul o mesmo Valle se chama o Valle das Giestas até o sítio , que tem á esquerda a ladeira chamada — Os sete pinheiros. — Nesta ladeira dos sete pinheiros ha dois lagos feitos de pedra , e cal , e cobertos de asphalte para melhor segurarem a agua de que estão cheios , e que para elles corre da nascente que tem debaixo dos Penedos do Monte da Cruz-alta. Estes lagos estão um mais acima , outro mais abaixo ; do de cima corre a agua para o debaixo , e o debaixo tem um registo pelo qual se solta a agua , quando se quer , que passando por um cano subterraneo , que atravessa o pequeno valle das giestas , e vai sahir em um repuxo d'outro lago tambem d'asphalte , que está no oiteiro fronteiro ao poente , por onde corre aquella parte da charneca , que está dentro dos muros do sítio , a que os povos d'aquelles contornos chamam o cerco dos Frades. Esta parte da charneca se acha dividida em porções , umas tem pinhal velho , outras pinhal novo ; outras jardins , outras cultura de batatas , que aqui produzem muito bem ; outras cultivadas com feno , outras conservam mimoso mato. Por todos estes sitios se posseia com muita commodidade , e recreio por bellas ruas , sendo grande parte d'ellas ajardinadas ; por aqui ha muitas flôres , e ervas medicinaes de que farei a descripção , sendo a primeira a *Erva turca*.

## XXIII.

Serás tu essa tão formosa planta  
 Por certo Turco tão appetecida  
 A quem attribuía virtude tanta,  
 E que d'elle era tanto conhecida,  
 N'esta Serra, (que a todos tanto encanta);  
 Que fôra pelos Turcos assistida,  
 Que só nella confiava ser curado  
 Da molestia que o tinha já cegado?

## XXIV.

A tradição nos conta, que mandára  
 Passear por um escravo toda a Serra,  
 Para que, pizando esta erva rara,  
 Que se cria em parte desta terra,  
 Depois com os çapatos esfregára  
 Os olhos, como certo, que não erra;  
 E tão feliz foi nesta sua empreza,  
 Que deu por mui bem paga essa despeza (17).

---

(17) Ha por estes sitios uma tradição, de que certo Turco, achando-se cego, e sabendo pelos seus livros a virtude das ervas de Portugal, dissera a um seu escravo Portuguez: Vae a Portugal, leva estes çapatos novos, não os calces se não na Serra de Cintra; passeia os sitios tal e tal da Serra com elles; e depois une-os bem um ao outro, e bem atados torna-mos a trazer, porque ha naquella Serra uma erva de tanta virtude, que basta que tu a pizes com estes çapatos, e eu esfregue os meus olhos com elles para me ser restituída a vista; dou-te superabundantemente para a despeza, e adverte, que se fores fiel em tudo quanto te or-



## XXV.

Que lindo espectáculo offerecem  
 Estes sitios amenos, delcitosos,  
 Que os campos Elysios parecem!  
 Mas não esses antigos fabulosos,  
 Estes outras ideias nos merecem,  
 Que realmente são Jardins formosos,  
 Os outros só nas Fabulas persistem,  
 Estes na nossa Lysia cá existem.

---

deno, não só te farei rico, mas te restituirei á tua liberdade; e que cumprindo o escravo exactamente quanto seu senhor lhe ordenára, e sendo restituída a vista a seu senhor, elle cumprira o que lhe promettera, e despedindo-se delle lhe dissera: Os Portuguezes não sabem dar valor á riqueza que possuem só nas virtudes das plantas, e ervas desse Reino, especialmente na Serra de Cintra. Ou esta anecdotá seja verdadeira, ou não, é certo que ha esta tradição, e é mais certo ainda, que temos muitas ervas medicinaes de muitas, e diversas virtudes, como mostrarei quanto me for possível, e havendo por todo o Reino tantas, e de tanta variedade, Cintra é como o resumo de todo o Reino neste particular; a *erva turca*, que é uma das primeiras de que vou a fazer a descripção, e que é a que eu supponho, que o turco conhecia em Cintra, cria-se muito vigorosa em Cintra; eu a achei na Quinta do Marquez de Pombal; mas na Real Quinta da Pena a encontrei em maior abundancia, e mais vigorosa, principalmente ao pé do Pomar, aonde chamam o Castanhal novo (por ahí se ter começado ha pouco uma nova plantação de Castanheiros) e notei que esta erva é aqui bis-annual, porque ainda tinha as folhinhas seccas da primeira rama que tinha seccado em Agosto, e no fim de Setembro tinha nova folha. A sua descripção é a seguinte: 1.º a sua forma. Os Auctores uns comparam as suas folhas ás da ruda, e as suas sementes ás da grama. Veja se *Plinio lib. 27*

## XXVI.

A Natureza aqui de tal maneira  
 A Arte recompensa industriosa,  
 Que deste Valle a face muda inteira,  
 Essa brenha medonha, e horrorosa  
 Desappar'ceu do Valle, e da ladeira  
 Uma alcatifa rica, e formosa  
 De mimosa verdura matizada  
 De flôres, aqui se acha collocada.

cap. 12. *Lonicero* e outros. Outros as comparam ás do Tomilho — *Dod.* Não se levanta da terra, mas estende-se por ella como a erva lentilheira — non attolitur a terra *Plin.* loc. cit. tem muitos raminhos compridos, vestidos de folhinhas, e as flores pequeninas, e brancas com quatro folhinhas; a raiz é direita e d'algum modo semelhante ás das cinoulas. 2.<sup>o</sup> Nomes. — Diz Plínio, que ella se chama em grego — *Poligonon* — Em latim tem varios nomes — *Sanguinalis* — *Colum* — *Sanguinaria* — *Plin. Herniaria* — *Herniola* (por se curar com ella a Hernia) *Corregiola* — *Centum nodia* — *Milegrana* — *Herba Turca.* — *Lon.*, *Dod.*, *J. Bapt.*, *Parkenson*, *Baubin*, *Lobel*, etc. — *Herniaria glabra.* — *Linn. Broter.* etc. Em Italiano — *Poligono*, — *Correggiola*, — e *Sanguinella* — Em Allemão — *Weggrass* — *Wegdrit* — Em Belga — *Verkens gras* — *Duyssent knop* — *Kreupel gras* — Em Bohemio — *Fruskawee* — Em Inglez — *Knotgrass* — *the herb rupture wort* — Em Francez — *Renouee* — *Corrigiote* — *Boutonet* — *Herniote* — *Turquette* — Em Hespanhol — *Corriola* — Em Portuguez — *Herniaria* — *Corriola* — *Erva turca.* — 3.<sup>o</sup> As suas virtudes. Para o exterior. — O seu succo mettido no nariz quando corre sangue delle, o faz parar. *Succus ejus* (diz Plínio) *infusus naribus* suppremit sanguinem. O mesmo succo tira a podridrão dos ouvidos, e as dores dos olhos. *Plin.* Se foi verdadeiro o facto que relatei do Turco,

## XXVII.

As flôres aqui postas pela ordem  
 Com que classificou Linneo as Plantas,  
 As flôres que dos mesmos matos sordem,  
 Os Tojos, as Giestas, e outras tantas,  
 As Ortigas, que a quem as toca mordem,  
 As Plantas em fim todas aqui quantas  
 Dão flôres, as dão como á porfia,  
 Como quem quer levar a primasia.

---

talvez elle teria lido isto em Plinio, ou em algum dos sabios Auctores Turcos de Botanica, no que toca ao remedio para os olhos. Tambem faz desapparecer o demasiado calor do estomago, abranda as dôres da bexiga, e dissipa as fogagens. *Plin. Lon. Dod. Linn., Lemery, Virey, Broter etc.* Para o interior. — Toma-se no principio das cezões terçans, ou quartans em dóze de tres onças; toma-se tambem para se curarem as choleras, as dysenterias, e relaxações do estomago; as sementes desembaraçam o ventre, promovem as ourinas, e cohibem os rheumatismos. *Plin* Cozida em vinho liuto cura todas as relaxações, os vomitos, os escarros de sangue, os mezes superfluos, expelle eficazmente os venenos, ou vicios internos, e a pedra, melhora as contra rupturas etc. *Lonic. Dod. Lemery etc.* Il y en a de deux especes; une est sans poil, on l'appelle — *Herniaria glabra* — et l'autre est velue, on l'appelle — *Herniaria hirsuta*. Elles contiennent beaucoup de sel essentiel, et d'huile. On l'appelle aussi — *Herba Turca* — *Turquette* — parce que les Turcs se servent beaucoup de cette plante. — *Lemery*. A Revista Universal Lisbonense em uma das suas Folhas deste anno (a do N.º 9), fazendo um grande elogio á Erva Turca (elogio, que o Redactor da Folha intitulada — O Jornaal d'Utilidade Publica — copiou na Folha do N.º 1271, Sabbado 23 d'Agosto deste mesmo anno de 1845) diz que um hydropico da Villa de Torres Vedras estava já tão es-

## XXVIII.

O Poeta nestes sitios não sabe  
 Distinguir em objectos tão diversos  
 A qual a preferencia aqui cabe,  
 Dos que por aqui pois estão dispersos,  
 Nenhum, que não mereça que se gabe,  
 Que não mereça seus distinctos versos;  
 Tal é de cada um a formosura,  
 Tal é de todos elles a pintura.

## XXIX.

As cristalinas aguas vão descendo  
 Lá pelos seus proclives ribeirinhos,  
 E com bastante pressa vão correndo,  
 Abrindo entre as pedras seus caminhos,  
 Aqui s'escoñdem, lá vão apparecendo;  
 Tambem as comprimentam os raminhos  
 Das ervas, que ora beijam, ora regam,  
 E nas mãos das folhinhas tenras pegam.

---

tragado da hydropesia que tinha sido furado duas vezes para se lhe extrahir a agua; e que cozendo-se em agua a erva turca, e dando-se-lhe a beber, o curán perfectamente. Diz mais que um rapaz padecendo uma inchação no ventre, e partes contiguas, passando-lhe tambem ás pernas, tendo sido inuteis os muitos remedios, que tinha tomado, se lhe aconselhou o da *erva turca*, e que, bebendo todos os dias em pequenas quantidades o cozimento da raiz da dita erva, em poucos dias se começou a achar melhor. Vendo isto a pessoa que tractava d'elle, teve a lembrança, e curiosidade, sem que ninguém lho aconselhasse, de cozer separadamente

## XXX.

A zunida que fazem pelos ares  
 As abelhas na vida industriosa,  
 Volitando por campos, e Pomares,  
 No fabrico da obra engenhosa  
 Do mel, e cera lá nos Alveares,  
 Aonde vão levar da flôr mimosa  
 A doçura, que vão depositando  
 Nas cellinhas p'ra s'irem sustentando.

## XXXI.

Os Patos divertindo-se nos lagos (18),  
 Os Pombos uns aos outros arrulhando;  
 As Perdizes fazendo seus afagos  
 Nas vozes com qu'os filhos vão chamando;  
 Os Passarinhos não se dão por pagos  
 De terem festejado já cantando  
 O alegre nascimento da Aurora,  
 Repetem as cantigas mesmo agora.

as folhas, e lhe lavou com a agua dellas todas as partes inchadas, e se curou dentro em quinze dias. O mesmo remedio tomou uma rapariga que havia muito tempo estava inchada, e se curou dentro em dez dias.

(18) Nos Lagos, que entre as flores se vêem no Valle Martinho, andam muitos patos de diversas qualidades, patos ordinarios, gansos, patos coraes, cisnes, patos perdizes da India; vendo-se tambem por alli muitos pombos, uns galegos, outros torcazes, e todos se recolhem em lindas cazinhas, e repartimentos, que para este fim se fizeram, á margem dos Lagos. Aqui se vêem tambem duas grandes gar-

## XXXII.

Na ladeira da Pena lá rebentam  
Com os tiros da Polvora Rochedos,  
Peças d'Artilharia representam,  
Que quando despedaçam os Penedos,  
Com seus eccos os valles atormentam,  
E penetram por entre arvoredos,  
Indo ao mesmo tempo lá salvando  
As obras que se lá vão augmentando.

## XXXIII.

A's nuvens te levantas, alta Pena  
Com teus muros d'ameas coroados,  
Que fazem tua vista mais amena,  
Com os teus Torreões muito elevados;  
Vejo agora em ti mui linda scena;  
Pela luz os meus olhos enganados,  
O Sol em ti poisar lá ver parecem,  
Em ti brincam seus raios, e 'spairecem.

---

ças, ou cegonhas da America, pernas altas, pescoço comprido com suas delicadas coroas de penas na cabeça; são do tamanho dos Pavões, de que parecem uma especie.

## XXXIV.

Abysmado, embebido, extasiado  
N'um mar aqui me vejo de bellezas!  
Mas, ah! que tudo agora foi mudado!  
Fugiram-me da scena taes riquezas!  
Só, me vejo de névoa rodeado!  
Da Arte não vejo já delicadezas!  
Parece, a noute 'scura aqui lançou  
Negro manto, que tudo me roubou!

## XXXV.

Mas que nova surpresa m'acomette!  
Para mim uma scena toda nova,  
Nova vista das cousas me promette,  
A névoa já s'abate lá na cova,  
Nos altos se desfaz, ou se derrete;  
Mui linda perspectiva se renova,  
A névoa já de todo desvanece;  
Melhor tudo, e mais novo me parece.

## XXXVI.

A Pena me parece uma cidade;  
Já vejo mais nobreza nos seus muros;  
Nos porticos mais nobre magestade;  
Os torriões parecem menos 'scuros;  
Em tudo acho mais amenidade;  
Os fructos me parecem mais maduros;  
As flôres tem mais linda gentileza;  
Em tudo brilha a mais rica belleza.

## XXXVII.

Sim. Aqui tudo falla ao 'spr'ito humano,  
 Aqui tudo lhe dá gosto, e instrucção,  
 C'o pé n'agua o Lyrio espadano (19)  
 Da sua galla faz ostentação;  
 Lá nos prados está Cravo Romano, (20)  
 Que faz nas flôres grande elevação,  
 O Gira-sol mais alto se levanta (21)  
 Mas a Rosa a todos mais encanta.

(19) É a planta, que vulgarmente chamamos *Espadana* por ter as folhas semelhantes ás espadas. Em latim chama-se *Acorus*, *Gladiolus luteis litiis*; Linn. lhe chama — *Acorus calamus* Em Italiano. *Espadetta*; Em Alemão — *Geel Liltien* — Em Inglez — *Flag* — Em Francez — *Acore* — *Glayeul* — Em Hespanhol — *Espadana*. — Ha duas especies. Uma dá umas flores amarellas semelhantes aos Lyrios, outra dá uns penachos d'um pello muito macio. Esta planta é estomacal, cordial, aperitiva, e resiste á malignidade dos humores. *Lemery*.

(20) Dodoneo chama ao Cravo Romano *Polyanthemum gramen* — como se disséra — Grama de muitas flores — Ha duas especies; uma se chama maior, a outra menor. A primeira tem umas astes altas nas pontas das quaes tem um ramalhetinho de muitas floresinhas encarnadas esbranquiçadas, semelhantes aos cravos, ou antes ás cravinas, e quasi junto á raiz tem uma roda de muitas folhas compridas, como as dos craveiros, e alguma similhança das da grama; a segunda tem menos astes, e mais curtas, e a folha tambem junto da raiz, tambem comprida, mas mais menda, e mais delgada. Esta planta é chamada em grego — *Statice* e *Polyanthon* — Lonicero chama-lhe — *Garyophyllea silvestris* — Tournefort — *Statice* — Linneo chama á primeira especie — *Dianthus Caryophyllus superbus*, e á segunda, simplesmente — *Dianthus Caryophyllus* — Lonicero diz

Urgent Caryophyllus  
 Lignum v. l. v. aff 105  
 De Urgo de Botanicis  
 1824 - a aff 25 Botanicis  
 70 Urgo Urgo Urgo 189



## XXXVIII.

Todo o Mundo conhece a linda Rosa,  
 E pelo mesmo nome é conhecida  
 Pela flôr a mais linda e mimosa  
 Em todas as Nações; ennobrecida  
 Por nome de Rainha a mais formosa,  
 E typo dos prazeres desta vida;  
 Mas nem em todos ha conhecimento  
 Do verdadeiro seu merecimento.

que a primeira especie se chama em Alemão — *Donderneglin* e *Blutstropfflin*; e tambem — *Felde neglin* — e a segunda — *Mutwillin* e *Hohmut* — Os Inglezes chamam ás duas especies — *Pink wild* — que quer dizer — Cravo bravo. — Os Francezes chamam-lhe — *Statice* — *Ocillet de Paris* e *Gazon d'Olympe* — Roquete no seu Dictionario Portuguez — Francez — chama-lhe — *Cravo Romano*. Nicoláo Lemery diz que esta planta é astringente, e boa para fazer parar o curso do ventre, e as hemorrhagias. Virey diz que as flores são cordiaes, nervinas, e uteis para as affecções espasmodicas, cardialgias, e febres contagiosas. Tomam-se em decocção.

(21) A Planta a que nós em Portugal chamamos — *Gira-sol* — não é a que os Gregos chamam — *Eliotropos*, que em Portuguez quer dizer — *Gira-sol*, *Vira-sol*, ou *Torna Sol*, e os Hespanhoes chamam — *Mira-sol*, os Francezes chamam — *Tourne Sol*, porque ella é aquella a que propriamente em Portuguez chamamos — *Eliotropo*, que é uma planta diversa, que pela similhaça do nome se póde confundir, assim como se podem confundir as suas diversas virtudes, como a têm confundido alguns droguistas, e auctores de botanica, como o nosso Monteiro de Carvalho, que apontando a planta *Heliotropo*, cita para o que elle tinha escripto do *gira-sol*. Nem tambem o nosso *gira-sol* é nenhuma daquellas plantas a que os Latinos chamam — *Sol sequium*

## XXXIX.

Se tu tens, linda flôr, o principado  
 Entre todas as flôres deste mundo,  
 Não é só este o teu bom predicado;  
 Além do teu aroma mui jucundo,  
 Tu thesouros aos homens has prestado.  
 Off'reces-lhe recurso o mais fecundo  
 D'estimaveis remedios p'ra seus males,  
 No que tu mostras muito quanto vales.

— *Tithymalus* — *Sol sequioides*, e *Lactaria Sol sequioides*, por que o — *Sol sequium* — dos Latinos é a planta, a que propriamente chamamos — *Caltha* — e mais vulgarmente — *Malmegueres* dos brejos ou *Malmegueres bravos* — do Campo, a que outros chamam — *Pampilho* — que é uma flor grande, e amarella; o *Tithymalus sol sequioides* — que é o mesmo que — *Lactaria sol sequioides* — é a que propriamente chamamos — a *Erva maleita* — *Euphorbia maleiteira* — *Tithymalo menor*. E por isso se verá muitas vezes nos nossos Diccionarios que a cada uma destas palavras gregas, e latinas, se lhes faz erradamente corresponder o nome Portuguez *Gira-sol*. Mas qual é o nosso *Gira-sol*? Ha uma linda flor amarella, dobrada, nos Jardins, a que os gregos chamam — *Chrysanthos* ou *Chrysanthemum* — que quer dizer *Flor d'ouro*, os Latinos — *Chrysanthemum*, — os Alemães *Sant Johans blum* e *Ganzblum* — os belgas — *Pokelaer* — *Geel* — *Gansebloemen*; — os Francezes — *Marguerite jaune* — *grande Marguerite jaune double*, — *la fleur dorée des jardins*, — mas esta flor não é ainda propriamente o nosso *gira-sol*; é aquella planta a que chamamos — *Pampilho hortense* — *Pampilho dos Jardins*; — *Bem-mequeres amarello dobrado*; — alguns lhe chamam — *Montes d'ouro*; outros tambem o nomeam — *Gira-sol*. — Aquella planta porém, que entre nós é bem conhecida, porque se vê em muitos dos nossos Jardins; planta muito alta, cujo

## XL.

Ind' aqui teu valor grande não pára ;  
 Não és amiga só da Medicina ;  
 Inda em outros objectos nos és cara ;  
 Symbolos á Historia Divina  
 Tua grande belleza lhe depara ,  
 A doutrina dos Santos nos ensina ,  
 Que tu mesma na Mystica Sagrada  
 Frequentes vezes és significada.

pé cresce muito direito , se faz muito mais alto , que um homem , se é semeado em bom terreno , e que tem as suas folhas grandes quasi semelhantes ás da Bardana , e do feitio de corações , e no remate dá uma grande , e magnifica flor redonda e chata , amarella nas compridas , e lindas folhas , que a rodeiam , tendo no centro um largo campo redondo todo cheio de floresinhas amarellas escuras , que vêem a ser outras tantas sementes , quasi semelhantes a pinhões , e que suam uma especie de resina , algum tanto cheirosa a incenso ; esta planta , digo , é que nós propriamente chamamos Gira-sol. Eu vi Girasoes d'uma gigantesca altura na Quinta do Marquez de Pombal em Cintra , e na Real Quinta da Pena. Os Auctores lhe dão os nomes seguintes : *Sol Indianus* — Lon. *Chrysanthemum Peruvianum* (Flor d'oiro do Perú) Dod. *Corona Solis* Tab. Jc. Pit. Tournef. *Solis Flos Peruvianus*. Lob. *Herba Solis* Monard. *Flos Solis*, *Gigantea* — *Corona Regia*, *Crater Jovis*, *Amoris Tuba*, *Rosa Hiericantis*, Frag. *Herba maxima*, J. B. *Helenium Indicum maximum*. C. B. *Helianthemum Peruvianum*, Camp. Ep. Lemery lhe chama em Francez. — *Soleil* ou *Herbe au Soleil* ou *Fleur au Soleil* — Os Ingлезes lhe chamam = *Turnsol*. Os Auctores lhe chamam *Peruviana* por ser propria do Perú. Em Zeylam Provincia de Conquista nossa é esta Planta conhecida com o nome de — *Banwankikirindi* — cuja etymologia se deriva da palavra zeylonica — *Ran* que quer dizer — vi-

## XLI.

A terra com disvello t'alimenta,  
 O Sol c'o seu calor te vivifica,  
 O mais doce orvalho t'aviventa,  
 O mais brando Favonio te visita,  
 O Zephyro mais terno te alenta,  
 O Ar doce, e lisongeiro te agita,  
 O Norte em teu obsequio te gira,  
 O homem te contempla, e t'admira.

## XLII.

Mas a todos tu pagas generosa,  
 A todos correspondes delicada,  
 A terra tu a tornas mui formosa,  
 Muitas vezes por ti aleatificada  
 Com tua folha bella, e mimosa,  
 Como se por ti fora bem toucada  
 Com muitas, e as mais vistosas flôres,  
 Tu pois nas folhas tens todas as côres.

---

*ra e Wan* que quer dizer — *Similhante* — como diz João Burmann no seu *Thesouro Zeylanico*. Ediç. d'Amsterdam de 1737, e o mesmo Auctor diz: Flores enim aurei snat coloris. Lemery diz, que esta Planta é toda nutriente e restaurante, e que tem muito oleo, e phlegma, e pouco sal.

## XLIII.

Tu ao Sol te dedicas tão devota,  
 Que só para elle abres teu coração,  
 E desd' o seu principio se vota  
 Para elle esse teu lindo botão,  
 E, se depois as folhas te debota,  
 Restitue-t'as lá n'outra estação,  
 Nesta correspondente alternativa  
 E's sempre mui formosa, linda, e viva.

## XLIV.

Dás aos Zephyros toda a liberdade  
 Para com tuas folhas lá brincarem;  
 Despegam-nas de ti com suavidade,  
 Para nos ares com graça cruzarem,  
 E depois c' o a mais bella amenidade  
 A terra lindamente alcatifarem,  
 Aos favores do Ceo tu és tão grata  
 Que tornas em Rubins aguas de prata (22).

- 
- (22) Qual se vê muitas vezes a vermelha  
 Rosa, em manhã de Abril, que passada  
 Humeda, fria noite, um licor leve,  
 E hum celeste rocio em si recolhe  
 As cristalinas gotas na purpurea  
 Odorifera folha represadas  
 Hum transparente aljovar mostram fresco  
 Que causão graça á flor, aos olhos gosto.

*Jeronymo Corte Real no seu Poema. — O Naufragio de Sepulveda Canto I.*

As gotinhas d'agua, que a Aurora, ou as nevoas,

## XLV.

Eis com justa razão és acclamada  
 Deste Reino das flôres a Rainha ;  
 O Rei universal te fez do nada ,  
 Rainha te formou , como conviua ;  
 Do Rei das Luzes tu és visitada ;  
 Dos Reis da Terra tu és a vizinha ,  
 De corações teu Throno é formado ,  
 Por agudas espadas bem guardado .

ou as chuvas depositam nas Rosas, gotinhas, que o Sol faz parecer lucidos, e brilhantes pinguinhos de prata, se convertem em brilhantissimos rubins pela côr encarnada da Rosa. Chegamos em fim ao desejado momento da descripção desta lindissima flor, o que vou fazer nos seguintes artigos :  
 1.<sup>o</sup> Elogio. Henrique Estevão reduziu ao mais elegante verso latino uns versos d'Anacreonte Teio, antiquissimo Poeta grego, em louvor da Rosa, deste modo :

Rosa, honor, decosque florum ;  
 Rosa, eura, amor que Veris ;  
 Rosa, cælitum est voluptas ,  
 Roseis puer Cytheres  
 Caput implicat coronis  
 Charitum choros frequentans.

Desejava, que estes versos fossem reduzidos á nosa lindissima lingua. Fazemos uma tentativa

Rosa, decóro, e honra entre as flotes,  
 Rosa, Amor, e disvellos da Prim-vera ;  
 Rosa, tu és dos Astros os Amores ;  
 A corôa tambem de Rosas era,  
 Que o Menino Cythereo levava,  
 Quando o Coro das Graças frequentava.

2.<sup>o</sup> Nome. Os gregos chamam-lhe — Rhodon; nas linguas Latina, Italiana, Hespanhola, e Portugueza é — Rosa, — nas Linguas Franceza, e Ingleza — Rose; — na

## XLVI.

Depois de contemplar a linda Rosa,  
 E ver nella o resumo das bellezas,  
 Prosigo minha viagem mui gostosa,  
 Notando qualidades, naturezas,  
 Nomes, formas, e côr muito formosa  
 D'outras flores, e suas gentilezas,  
 Que s'encontram aos grupos neste valle  
 Que parece não ha outro, que o iguale.

Aleman — Rosen, — na Belga — Roosen — 3.<sup>o</sup> Especies. São muitas as especies de Rosas, cujas differenças se conhecem pela sua maior, ou menor grandeza, pelo aspero, ou lizo das suas astes, pelo maior, ou menor numero das folhas das suas flores; pelo cheiro, e pela côr das ditas flores. As Roseiras umas se criam muito altas, outras baixas; as Rosas umas tem cinco folhas, outras doze, outras vinte, e as Rosas grandes dobradas tem cem.

Remberto Dodoneo, auctor belga, no exemplar que eu consultei, que é da edição d'Antuerpia de 1616, faz um catalogo de trinta especies de Rosas pela ordem alphabetica cujos nomes vou a referir, dando sobre cada uma dellas as noticias que pude colher d'este, d'outros auctores.

1.<sup>o</sup> *Alabantica*. Chama-se assim por ter vindo de Alabanda cidade de Caria. A roseira é baixa, e a Rosa é d'um amarello esmaiado, é a mais triste de todas as Rosas. *Plinio lib. 21. cap. 4.* e *Dod.* lhe chamam vilissima.

2.<sup>o</sup> *Albardeira*. Ponho neste catalogo a Rosa a que nós os Portuguezes chamamos propriamente — *Rosa Albardeira*, por outro nome *Pionia*, em Grego — *Paionia* — em latim *Paeonia* — em Italiano — *Peonia* — em Francez — *Pivoine* — Em Hespanhol — *Rosa del monte* — em Alemão — *Peonien blumen* — *Peonien-rosen* — em Belga — *Proenen* — (Em Flandres — *Mastblouemen*) em Inglez — *Piony* — os droguitas — *Pionia*. Bota uma flor encarnada quasi similhan-

## XLVII.

Um grande Lago aqui acompanhado  
 Se vê de lindas veigas mui floridas;  
 Montes de flores d'um, e d'ontro lado  
 Como em sociedade muito unidas;  
 Mas tudo de tal modo regulado,  
 Qu' estão em suas classes divididas,  
 E todas da frescura vão gosando,  
 Suas corés nas aguas contemplando.

te ás Rosas; a aste é liza, e tem nodos pretas, as raizes são bulbos quasi como as das Abroteas; a rama tem folhas lizas compridas, os fructos são umas grans, como, as das Romans, e se fazem pretas quando secam. Ha muitas em Cintra.

3.<sup>o</sup> *Alba* — Branca — em Italiano — *Rosa Bianca*, — em Francez — *Rose blanche*, — em Hespanhol — *Rosa blanca*, — em Alemão — *Wrisse-Rosen*; — em Belga — *Witte Rouzen*; — em Inglez — *White Rose*. — Tem as folhas muito alvas, e agradaveis.

4.<sup>o</sup> *Cæli*, Rosa do Ceo. Esta planta não é propriamente da familia das Rosas, mas como tambem se chama Rosa, se pôe neste catalogo, assim como a Pionia tambem não é da familia das Rosas. Tem os troncos, e as folhas veludas, ou lauzudas á maneira do Verbasco; o pello é branco, a altura ordinaria do seu tronco é de dois pés, divide-se em muitas astes. As suas folhas tem até quatro dedos de comprimento, e dois de largo; as suas flores são encarnadas, tirando a cor de fogo; tem cinco folhas, formando uma como corda no centro, são muito agradaveis á vista. Não é conhecida só pelo nome de — *Rosa Cæli* — Rosa do Ceo — mas por outros muitos. Em grego é — *Lychnides* — Os Botânicos Latinos chamam-lhe alguns — *Lychnides coronata* — *Dod.* (Lychnide coroada) outros — *Cæli Flos* — (Flor do ceo); outros — *Domiarum Rosa* — (Rosa de



## XLVIII.

Umas no continente seu residem  
 D'uma banda, e d'outra deste lago,  
 Outras n'uma pequena Ilha vivem,  
 E não ha neste sitio logar vago,  
 Em que de vegetar aqui se privem;  
 Este feliz terreno dá por pago  
 De flôres muitas mil ao jardineiro,  
 Ao viajante o mais ameno cheiro.

Senhoras); outros — *Mariana Rosa* (Rosa de Santa Maria) Trag. Outros — *Flama* — ou — *Flamula Jovis* — (chama de Jupiter) *Gesa*. Em italiano e hespanhol é — *Lychnide*, — em francez — *Passe fleur* — *Passe rose* — *Ocillets de Dieu*, — em alemão — *Frauwon Roszlin* — *Marien Roszlin* — *Himmelsroszlin*, — em belga — *Christus Ooghen* — (olhos de Christo) em Inglez — *Woolblade* (aste lanzada), e — *Hightaper* — (alta candeia). Os nomes porque é conhecida em Portuguez são: — *Candelaria* — *Verbasco branco* — *Aenoma singela* — e — *Flamula*.

5. *Campana* — Rosa de Campania, provincia da Italia. Assim chama Plinio a rosa de cem folhas, a que nós chamamos rosa dobrada, centifoliam vocant quæ est in Campania Italiæ. Libr. 21. cap. 4. e accrescenta, que as rosas mais celebradas, isto é, as melhores, mais lindas, e mais vistosas são as rosas campanas e as Prenestinas, (de Preneste cidade de Italia). Genera ejus nostri fecere celeberrima Prænestinam, et campanam, ib. Ha duas especies de Rosas dobradas — anans, e gigantescas; as anans têm a Roseira baixa, e dá Rosas dobradas muito lindas, e d'um cheiro muito agradavel, e as gigantescas sobem quanto se queira, e vestem o mais alto muro, e as Rosas tambem são lindas, e grandes, mas o cheiro não é tão agradavel, como o das anans. — Mr. De la Quintinye the chama Rosa da Hollanda.

## XLIX.

Abrigadas da banda são do Norte  
 Por muro, que segura a agua, e terra,  
 Por um muro bem feito, são, e forte,  
 Que enfeita esta parte aqui da Serra  
 Com dois Torriões d'ameias de tal sorte  
 Que parecem dois fortes para a guerra;  
 Uma Fonte d'um lado tem correndo  
 Suas delicias a todos off'recendo.

6. *Canina* — Veja-se o que dicemos na nota sobre as especies de Silvas.

7. *Cinnamomina*. — É uma Rosa pequenina, que alguns chamam — *Rosa canella*. — Os belgas chamam-lhe — *Caneel Roskens*; — é conhecida entre nós com o nome de — *Rosa de toucar* — é d'um encarnado esmaiado, mas muito engraçada, e dobrada; astes vermelhas, e as folhas das flores muito meudinhas; tem um cheiro muito semelhante ao da canella, e por isso se lhe dá o nome de — *Rosa Cinnamonina*; — ou — *Rosa canella*, — ou — *Rosa canelleira*.

8. *Damascena* ou *Rosa de Damasco*. É aquella, a que, segundo Dodoneo, os Italianos chamam — *Rosa Moschetta*, — os francezes — *Rose Musquee*, — ou — *Muscadelle*, — os belgas — *Musket Roosen* — os inglezes lhe chamam — *Musk Rose*. — Porém este Auctor, e outros enganam-se na etymologia da palavra — *Moschetta Italiana*, e da que nas outras linguas lhe corresponde, porque a faz derivar da palavra. — *Moschos*, — o — *Almiscoar*, — dizendo erradamente, que o cheiro desta Rosa tem sua simillhança com o cheiro do almiscoar; porém a verdadeira etymologia da palavra — *moschetta*, (e não *moschella*) é a palavra latina — *Muscus*, donde se deriva só para esta Rosa o dito nome — *moschetta Rosa* — *Musket Roose*, — *Musk Rose*, e *Rose musquee*. — *Muscus*, é o Musgo, e por isso nós em Portuguez lhe chamamos — *Rosa de Musgo*,

## L.

O' tu, que por aqui vás passeando,  
 Se da sêde os ardores padeceres,  
 A cristallina fonte vai brotando  
 A frescura, que tu appeteceres;  
 Esta fonte mandou fazer Fernando,  
 Para tu as tuas forças refazeres,  
 E para estas flôres não murcharem,  
 E seu Nome aqui perpetuarem.

bem conhecida, porque toda a parte exterior do pétalo do botão da sua flor parece coberta de musgo.

9. *Dunensis*. Nos auctores, que consultei, só em Donco achei esta flor posta na classe das flores, que têm o nome de Rosas, chama-lhe — *Dunense*, porque, como o referido Auctor era belga, na Belgica chamau-se *Dynen* — como elle mesmo diz, os Marachões d'areia, nonde esta planta se cria; no *Lexicon Philologicum* — chama-se *Dunum* — em Latim, o Marachão d'areia. A planta, que dá esta flor é pequena, e espinhosa; as flores são pequenas, brancas, e cheirosas. Tambem se chama *Pampinula*.

10. *Fatuita*, ou *Rosa Fatua*, é a Rosa Albardeira.

11. *Græca* — *Rosa Grega* — Plinio Lib. 21. cap. 4. põe esta flor na classe das Rosas; e diz que ella senão cria senão em sitios humidos, as flores nunca têm senão cinco folhas; em francez — *Laurier-rose*, — em inglez — *Laurel-rose*, — em portuguez — *Laendro* — Vide — *Rosa-Louro*.

12. *Gracula*. (*Rosa greguinha*), della tambem faz menção Plinio, e elle mesmo diz que esta flor não chega a abrir de todo. De la Quintinye — lhe chama — *Rosa incarnada coberta*. É a flor a que chamam — *Rosa Provençal*, ou *Rosa da Provença* na França. A's vezes não chega a abrir.

13. *Gueltria*. — Rosa de Gueltrês ou Rosa d'agua. — Faz menção desta especie de Rosa Mr. De la Quintinye na — *Instruction pour les Jardins* — (ediç. de 1730) Esta

## LI.

Depois do Viajante ver a Serra,  
 Depois de fatigado, caminhando  
 Por vias, que ora acerta, ora erra,  
 Grandes montes, e mares admirando,  
 Depois de analysar a mesma terra,  
 As qualidades d'ella examinando,  
 Vem achar aqui doce solidão,  
 E o consolo que as flôres aqui dão.

planta quer terreno humido, e bom chão, e nada de sol. Faz-se em uma arvore grande, repartida em muitas pernas; a sua flor é um composto de muitas floresinhas brancas, que vêem a tomar a côr de vinho. Todas estas pequeninas flores formam um globo perfeitamente redondo.

14. *Hieruontea*. — Rosa de Jericó. É um arbusto rasteiro d'uns quatro dedos d'altura, lignoso; tem muitos raminhos unidos, e entrelaçados, formando um pequeno globo de cor ciuzenta, folhas mui pequenas, compridas, recortadas, e aveludadas, flores pequeninas brancas, em cachinhos; sementes vermelhas, redondas, e asperas ao gosto; raiz grossa, e lignosa. Quando esta planta está no seu vigor, parece um lindo ramalhete; mas quando séca, encolhe os seus ramos, dobrando para dentro as extremidades delles, e reunindo-se por este modo para o centro commum, fica formando um perfeito globo. Esta pequena planta cria-se na Arabia deserta em logares areentos nas margens do Mar vermelho. Ainda que é chamada Rosa de Jericó, ella não é propriamente uma Rosa, nem se acha nos arredores de Jericó. Acreditou-se algum tempo que ella abria na noite do Natal, mas a experiencia tem mostrado, que ella abre quando o tempo é humido, e séca no tempo quente. Metendo-se na agua abre perfeitamente, os seus raminhos se desenvolvem, e as flores apparecem agradavelmente, e quando se

## LII.

Depois de ter cançado a memoria,  
 Contemplando no só Tejo famoso  
 Recordações que delle diz a Historia,  
 Recebendo, e mandando ao Mar undoso  
 Em tantas Náos a fama, e Lusa gloria;  
 Do repouso, e descanso desejoso,  
 Aqui pausa, e descansa da fadiga,  
 A sua sêde ardente aqui mitiga.

enchuga, depois de tirada da agua, torna a encolher-se. É uma especie de *Thlaspi* ultramarino.

15. *Hollandiana*, — ou Rosa d'Hollanda. Veja-se *Campana*.

16. *Japonensis*. Rosa do Japão. E' flor muito linda. Eu vi Rosas do Japão em Lisboa á venda no largo das duas Igrejas. Dão-se muito bem com o clima do Porto, aonde se tem multiplicado por diligencia dos seus moradores, que fazem um grande apreço desta flor. As que eu vi vindas do Porto de presente a uma familia de Lisboa eram de tres especies, brancas alvissimas, encarnadas vivissimas, e brancas rajadas com alguns pontos escuros; as plantas tinham cinco palmos d'altura, pé muito direito, repartido em ramos rematados cada um com sua flor; o botão da flor é semelhante em tudo aos botões das Estevas; as folhas são largas, e luzidias, côr verde escuro; tem sua similhaça com as folhas dos Loureiros. E' geralmente conhecida com o nome de Rosa do Japão, e Rosa da China. De la Quintinye (já citado) lhe chama — *Rose de la Chine*; — diz que alguns lhe chamam. — *Mauve d'Inde* — *Mauve de Japon* — (*Malva da India*, *Malva do Japão*), e acrescenta — *mais elle est plus connue pour le nom de Rose de Sienne* (*Rosa de Senna*.) Diz o mesmo auctor que ella foi primeiramente conhecida com o nome de *Barbara de Fuyo*, e que a sua flor não dura mais que dois ou tres dias.

## LIII.

O Platano frondoso lh'offerece  
 A sua fresca sombra p'ra reparo  
 Desses raios do Sol, que aqui parece  
 Mais ardente por ser o vento raro,  
 Porque de via livre aqui carece;  
 Offerece-lhe tambem Jardim preclaro  
 A vista mais amena, e deleitosa  
 De sua perspectiva mui formosa.

João Burmann, Medico, e Professor de botanica no Jardim medico d'Amsterdão na sua obra — *Thesaurus Zeylanicus* (*Thesour. do Ceylão*) da edição d'Amsterdão de 1737. a pag. 633 dá a esta planta os nomes seguintes: *Ketmia Sinensis*, *Malva Indica*, *Alcea Indica*, *Althæa arborea rosea Sinensis*, *Rosa Batavica Indica inodora*, *Rosa Sinensis*, *Flos Festalis*, *Banga Raja* (assim se chama na Índia), *Ain-Pariti*, *Schem Pariti*, assim se chama no Malabar, *Waddaghas* (assim se chama em Ceylão). Accrescenta o mesmo auctor, que os portuguezes lhe chamavam Fulo de çapato, folhas de çapato, que elle interpreta flor de çapato; por tingirem o couro dos çapatos com o succo das suas flores. O Padre Roquete no seu *Diccionario Portuguez-Francez* lhe chama em portuguez Camélia.

17. *Junonis*. Rosa de Juno. E' a Açucena, de que fallarei quando tractar dos Lyrios.

18. *Lutea*. Rosa amarella. De la Quintinye dá noticia de Rosas amarellas dobradas — *Rose jaune double*; e diz que estas Rosas querem pouco sol, gostam do tempo frio, e querem-se desafrontadas d'outras plantas, devem-se deixar crescer á sua vontade, não se devem atar, nem cortar, e quando se limpam, cortam-se-lhes sómente as extremidades secas; devem estar abrigadas das grandes chuvas, e ventos, aliás as suas flores apodrecerão antes dos botões abrirem; e para que as flores vinguem devem tirar-se-lhes grande parte

## LIV.

Pelo tempo, e socego convidado  
 Contempla aqui as leis da Natureza;  
 Observa esse disvello, esse cuidado,  
 Com que se desenvolvem com belleza,  
 Desd'o pequeno germen occultado  
 Na terra até das plantas a grandeza;  
 O carcere da terra vem rompendo,  
 E depois livremente vem crescendo.

dos bolões antes de atirarem, e dos que ficarem sahirão as mais lindas rosas. Em alguns dos nossos Jardins ha Rosas amarellas dobradas muito lindas, como eu já vi, e mais haveria ainda se os Jardineiros soubessem a verdadeira cultura desta planta; o cheiro é muito desagradavel. Para ellas darem Rosas todos os annos o melhor meio é cortal-as muito rentes com o chão, depois de passar o tempo em que dão Rosas; e se ellas no outono rebentarem, e botarem muitas vergonteas, tornar-se-hão a cortar em Fevereiro, ou Março seguinte. Esta flor tambem se chama Rosa Egyptiaca, ou Rosa do Egypto, Rosa Africana, ou Rosa da Africa.

19. *Malva*: Malva-rosa, bem conhecida nos nossos Jardins. Faz menção della Plinio (Libr. 21. cap. 4. Libr. 26: cap. 11.) Alia (Rosa) funditur e caule malvaceo, folia oleracea habente, *moscuton* vocant. Quer dizer: Outra Rosa sahe de pé de malva, tem folha de couve, e lhe chamam *moscuton*. O exemplar de Plinio que consultei em logar da palavra *oleracea* tem *olea*, e outros exemplares tem *blacea*, porém ambas estas palavras estão erradas, deve ser *oleracea*, como muito bem adverte Dodoneo, porque se fosse qualquer dos dois referidos termos, dir-se-hia, que Plinio queria dizer que esta especie de Malva, chamada — Malva-Rosa — tinha as folhas semelhantes ás das oliveiras, quando elle queria dizer, para melhor fazer conhecer a Malva-Rosa, que ella tem as suas folhas do feitio das das cou-

## LV.

O tronco já seu corpo vae ganhando,  
 As raizes na terra se seguram  
 A' medida que o pezo engrossando  
 O exige, e os ramos, que procuram  
 Ir sua direcção já lá tomando;  
 Soffrem chuvas, e ventos já aturam,  
 Já tem força, já podem segurar-se,  
 Vão ganhando vigor p'ra conservar-se.

ves. Esta planta chama-se em grego — *Malache cepeyle*, isto é, Malva hortense, em latim — *Malva hortensis*, e *Malva-rosa*, em italiano — *Malva-Rosa*, em alemão — *Garten Bappeln*, *Herbst rose*; em belga *Winter Roosen*, *Herft roosen*; em francez — *Mauve de jardin*, em inglez — *Holy Hock*. — Ha duas especies, uma tem a folha larga, e redonda, com sua similhaça de folhas de couve; outra tem a folha mais pequena recortada, e crespa, e um cheiro muito agradável, muito semelhante ao das mais odoriferas Rosas. Nas margens do grande Lago ( que se fez no anno de 1843 ) da Real Quinta em Valle Martinho, ha Malvas Rosas em tanta abundancia, que formam como duas grandes matas, e enchem este Valle do aroma do seu agradável cheiro. Esta planta não é da familia das Rosas; mas sim das Malvas, e tem toda a similhaça com as Geranias de que parece uma especie. O nome geral de Malva em grego é *Malache*; em latim, italiano, e Hespanhol — *Malva*, em alemão — *Bappeln*, no Brabante — *Malce*, na Bohemia *Sliiz*, em francez, *Mauve*, em inglez *Malloes*. A familia das Malvas contém as seguintes classes, Malvas campestres, e Malvas hortenses. As malvas campestres contém as seguintes especies: Malva galega, ou pequena, que estende os seus ramos pelo chão, folhas pequenas, redondas, e algum tanto recortadas, flores pequenas esbranquiçadas, semente pequenina, e redonda, raiz grossa, dura, branca, e longa.



## LVI.

Onde foi parar essa sementinha,  
 Que humilde na terra s'escondia?  
 Ella um rico thesouro em si continha,  
 Ella sabio com elle á luz do dia;  
 Inda não se pensava, que ella tinha  
 Tanta riqueza, tanta lougania,  
 Apparece uma Planta bella, e linda,  
 Que parece do Eden ella foi viada.

*Dad. Lemery*, e outros. Esta Malva acha-se nos auctores designada com o nome de Malva silvestre pumila. *Lon. Dad. Ger. Lem.* Pumila quer dizer — anãa — e nós lhe chamamos por isso mesmo — Malva silvestre galega.

A outra especie é uma Malva maior que a primêira, folhas mais pequenas, mais redondas, e veludas, e muito direito, e flor muito maior e muito linda cor de rosa, e se chama tambem *Abutilo*. Ha outra especie de Malva a que os auctores chamam *prosera*, a que nós chamamos Malva gigante, cria-se muito alta, quasi como uma arvore, raizes profundas, folha muito larga, flor pequena, como a da Malva galega.

A outra classe de Malva é de duas especies, uma é sylvestre, outra hortense; a silvestre, a que nós chamamos Malvaisco bravo, e a que os auctores chamam em grego Althæa, em latim Althæa, folha veluda, de côr cinzenta; é a Althæa tantas vezes recommendada na Medicina. Temol-a no Reino da melhor qualidade, e os Droguistas a vendem estrangeira. Em Cintra ha muita, principalmente naquella parte da Quinta do Marquez de Pombal que está encostada á Rocha do Castello dos Moiros, e por toda esta parte da ladeira do Castello, que caminha até á Igreja de S. Miguel, como eu mesmo vi. Dentro do mesmo Castello vi eu uma linda, e viçosa Althæa junto á porta da grande Cisterna, aozes de se roçar o mato, que estava dentro do large do Cas-

## LVII.

As folhas, qu' Esmeraldas imitando,  
 A revestem de galla mui pomposa,  
 Dos rigores do tempo 'stão guardando  
 A Flôr, que vem abrindo mui mimosa,  
 Que depois toda a gloria mostrando,  
 Se torna toda bella, e magestosa;  
 Mas não completou inda a Natureza  
 Este assumpto importante da empreza.

---

tello, quando o dito Castello se reformou, e se despojou, e limpou inteiramente da agua, e entulho de pedra, e lama a dita cisterna, empreza, que parecia difficilissima, mas que se venceu este anno de 1845, e a agua que se extrahio da cisterna serviu para regar os Jardins de que foi povoada toda a ladeira do Nascente do Castello. Estes ricos Jardins estão recortados, e entremediados, de suaves, bellas, e ricas estradas, e ruas; toda esta empreza se venceu este mesmo anno de 1845, como mais largamente se explicará no decurso deste descriptivo Poema. Perdoem os leitores esta pequena digressão para que naturalmente me fugio a penna; assim como nesta vez por todas peço perdão aos leitores da grande extensão das Notas, de que faço acompanhar o Poema, pois me persuadi, que, se por uma parte os distrahiã da serie do Poema, no mesmo tempo os deleitava com a descripção das plantas, e outras coizas; por isso julguei as Notas de absoluta necessidade. A esta segunda classe de Malvas pertencem as plantas, a que nós chamamos *Malvaiscos*, que são as *Altheias hortenses*, ou dos Jardins. Os auctores gregos uns chamam a esta planta *Althaea* outros *Ebiscos*, outros *Ibiscos*, outros *Aristalthaea*. Os Droguistas chamam-lhe uns *Bismalva*, outros *Malvaisco*, como se dixeram *Malva Ibisco* (donde se veio dizer *Malvaisco*); em Alemão *Ibisch*, em Belga *Witte Malw*, *Witten-Hucmsl*, em Italiano, e Espanhol *Malva*.

## LVIII.

Que falta pois ainda para tudo  
 Ficar inteiramente completado?  
 O fructo, de que as folhas são escudo,  
 A fim de ser dos tempos abrigado  
 P'ra que o frio, o calor, o tempo agudo  
 Não tornem o thesouro lá frustrado  
 Da semente, em que devem conservar-se  
 Os germes p'ra que possam propagar-se:

*visco*, em francez *Guimauve*, em inglez *Marsh-Mallow*. Estes nomes estrangeiros abrangem as duas especies de Malvaisco bravo, e hortense. A terceira classe de Malva é a que os auctores chamam *Abutilon*, outros *Arbutilon*, outros *Melinoa*, por a sua flor ter a côr de mel. O nosso Monteiro de Carvalho diz no seu Diccionario de Plantas o seguinte desta planta: » Abutilio planta, que tem as folhas simi-  
 » lhantes á Malva, porém alguma cousa maior; produz umas  
 » flores como campainhas côr de rosa com alguns raios bran-  
 » cos; a sua raiz pizada, e o succo misturado com melcu-  
 » ra os calos dos pés. »

A terceira classe de Malvas pertencem as Malvas Rosas, e as Geranias, que eu ponho no numero das especies de Malvas, ainda que os auctores parecem fazer pertencer a este numero só uma especie de gerania; Dodoneo fazendo a divisão das geranias diz: *Geraniorum complures reperiuntur species. Ex his duæ, Tuberosæ radicis una, altera Malvæ folio*. Quer dizer: Aham-se muitas especies de Geranias; duas destas são: uma de raiz Tuberosa, outra de folha de Malva. N'outra parte diz: *Malvæ foliorum æmula; imitante ás folhas da Malva*. Já fiz a descripção da Malva Rosa, passo agora a fazer a das Geranias, que fazem uma grande parte da belleza e ornato de Cintra em quasi todos os jardins, principalmente nos Reaes Jardins da Penna, aonde as suas ruas são todas acompanhadas de um, e outro lado de matas de

## LIX.

Mas o Sol se retira, e vai chegando  
 Ao termo da sua lucida carreira;  
 Também eu, sitio ameno, vou deixando  
 Teus prados, teus valles, e ladeira,  
 Pois a noite se vem approximando  
 A dar-me a despedida derradeira  
 Do Dia d'hoje bello, e formoso,  
 Deixando-me bem triste, e pezaroso.

geranias, que parecem formar lindos muros de flores; mas se estas flores tem cores muito lindas, e vivas, o cheiro das de côr de carmin é desagradavel; parece, que cheiram a sardinhas salgadas, e por isso o vulgo lhes chama *Sardinheiras*. Esta planta chama-se em grego *Geranion*, que quer dizer *bico de grou*; grom em grego é geranos, chama-se assim esta planta porque depois da flor, bota umas agulhetas semelhantes ao bico do grou. Em latim é *Gruinalis*, ou *herba gruinalis*, ou *Rostrum grnis*, e tambem *Rostrum ciconia*; em italiano *Geranio*, e *Rostro di grna*. Em Hespanhol *Pico de Ciguanha*, *Pico del grou*; em alemão *Storkenschnabel*; em belga *Oyerrars beek*, em francez *Bic de grue*, *bre de Ciconne*, em inglez *Storks bill*, em bohemio *Czapynsek*. Em Portuguez é Gerania, ou Geranio nome geral a todas as suas especies, mas tambem temos na nossa lingua nomes proprios para cada uma das suas muitas especies. *Pé de cepa* a que tem uma cepa na raiz, flores grandes, e folhas muito recortadas. *Pé de pombo* a que tem a raiz com esta similhaça, flor pequenina purpurina, folha larga como a das Malvas, regularmente recortada, estendida pelo chão. *Sardinheiras* (*geranium carmin*) planta alta, folha larga com seu circulo escuro, de máo cheiro, flores elegantissimas, côr de carmin, nos ramalhetinhos. (É a de que ha muita abundancia em Cintra) *Alfinetes de Dama*. (*Geranium fulgidum*) folha larga, recortada, flor encarnada muito engraçada agu-

## LX.

Antes de sahir desta linda scena,  
 Quero ver como toda a Natureza  
 Mostra a sua tristeza, a sua pena  
 Na despedida dessa gram belleza,  
 Com que lá do Eterno a lei ordena  
 Seja ornada do Sol a gentileza,  
 Do Monarcha das luzes magestoso,  
 Que se vae lançar lá no mar undoso.

lheta pequenina; é a segunda das duas especies de geranias a que os auctores chamam geranio Batrachioide; a primeira tem as flores azues; Fuschio lhe chama *Gotts gnad*, isto é, gratia-Dei (graça de Deos), é semelhante o feitio da planta ao Rainunculo. De São Roberto (assim lhe chama o Padre Roquete no seu Diccionario Portuguez, Francez) E' muito nomeada pelos auctores esta especie de Gerania, e todos lhe dão o mesmo nome: *Herba Roberti*, *Herba Robertiana* Lon; *Geranium Robertianum* Dod. *Geranium Robertianum* C. B. Ger. Raii hist.; *Geranium Robertianum murale* J. B.; *Geranium Robertianum vulgare* Park.; *Rupertiana vulgo*, Cæs.; *Herba Rupertii*, et *Geranium secundum Dioscoridis*, Lugd. Em Alemão *Ruprechts-krant*; em Belga. *Robrechts krunyl* Lon. Dod. Em francez: *Herbe Robert*. Lemery. Esta planta cria-se junto das paredes velhas, no chão cheio de calça, e aonde ha sombras; as suas raizes são fibrosas, as astes mais altas, que o comprimento d'um covado, folhas quasi similliantes ás da cicuta, ou ás da Artimisia, cõr rubicunda algum tanto, flores purpureas com cinco folhinhas, cheiro activo, e não agradavel. A Gerania Raiz de cepa, ou bulbosa é algum tanto calida; uma oitava da raiz desta planta dissipa as inflammações do ventre, bebendo-se em vinho. Dod. Assim como tambem bebendo-se uma oitava desta raiz em quatro onças e meia de vinho cura da fraqueza, e da phtisica. Plin. Dod. A Gerania pé de pombo, é, como di-

## LXI.

E para contemplar bem este traço,  
 Com que da Natureza a penna pinta  
 O pôr do Sol, ao alto appresso o passo.  
 Oh! quanto é admiravel essa tinta,  
 Com que ella pinta, como por compasso,  
 Sem que nada deslize, ou se desminta  
 Os Dias, e as Noites, Ceos, e Terra,  
 A Planta, a Flor, o Campo, o Valle, e a Serra.

zem alguns, bom remedio para as camâras de sangue tomando-se em banhos. *Dod.* Não achei para que remedio possa servir a gerania Carmim, (que tambem se chama Pentes de Venus). A gerania Alfinetes de Dama não tem remedio algum. A Gerania Robertiana ou de S. Roberto é algum tanto astringente, serve para curar as feridas, e ulceras dos peitos, pudendorumque, e suprime o sangue que correr. *Dod.* Contém muito sal essencial, e oleo; é detersiva, astringente, e vulneraria, resolve, e dissolve o sangue coallado applicada em cataplasma, ou em fomentação, e dada interiormente em decoção. *Lemery.* Todos os generos, e especies das Malvas são geralmente humidas. *Lon.* E' o seu temperamento dominante com meio termo. São emollientes, humidas, glutinosas. *Dod.* A Malva galega é emolliente, e aperitiva; uza-se della em lavagens, fomentações, e cataplasmas, *Lemery.* A Malva gigante, ou arborea; a Malva Abutilo silvestre tem as mesmas virtudes; *Lemery.* O Malvaisco ou Altheia é emolliente humectante, peitoral, e aperitivo, proprio para as molestias dos rins, da bexiga, tosse, catarraes, ardores da ourina, e colicas nephreticas. *Lemery.* São as galas dos nossos Jardins, e os ha de flores muito lindas brancas, encarnadas, amarellas, e rôxas. A flor da Malva Rosa refresca, mitiga, é emolliente, e própria para as hemorragias, seccuras, a ardores da garganta, e da lingua, e para as erysipelas. *Lemery.*

## LXII.

O Sol proximo vai já do Oceano,  
 Lá parecem os Mares abrazados;  
 Mas não é phantasia, não engano,  
 Que lá do Sol os raios são vibrados  
 Contra o Mar, que recebe a luz ufano,  
 Que lhe levam os hospedes mandados  
 Pelo brilhante Phebo, que se appressa  
 A visitar o Mundo, a quem int'ressa.

Todas as classes, e especies de Malvas pertencem á familia de plantas, que tem o nome geral de *Malachites*, que se deriva da palavra grega *Malache* — a Malva.

As *Chagas*, essas lindas flores, que tanto embellezam os nossos Jardins são tambem uma especie de Malvas. Assim o penso segundo a forma das suas folhas, e até mesmo da planta toda, e até o numero das folhas das flores, que são cinco, porque todas as malvas tem só cinco folhas nas suas flores excepto a gerania raiz de cepa, que tem dez. Eu chamaria ás chagas *Malvas sanguineas* por causa da côr das suas flores, que é côr de sangue. Entre tanto não acho Auctor algum que concorde comigo neste parecer. Todos fazem pertencer esta planta á familia *Nasturciaria*, em grego *Sisymbria*, ou *Cardamina*, que é a familia a que pertencem os Mastroços, os Agriões etc. e não lhes acho razão, porque as *Chagas* não têm similitude alguma com as especies desta familia. Diz Dodonco, que se lhe dá o nome de *Nasturtium* por terem as suas folhas o gosto das do Nasturcio, ou Mastroço. Sapore *Nasturtium* referunt folia, unde illi nomen; mas é fraco argumento para a fazer pertencer á classe dos Mastroços. Dizia elle que no seu tempo era rara esta planta, a que elle chama peregrina, e que apenas se encontrava na Colonia no Jardim de Christina Bertolfini, viuva do nobilissimo Joaquim Hopper, que a tinha semeado de semente que lhe tinha ido da Hespanha, e fazia um grande a-

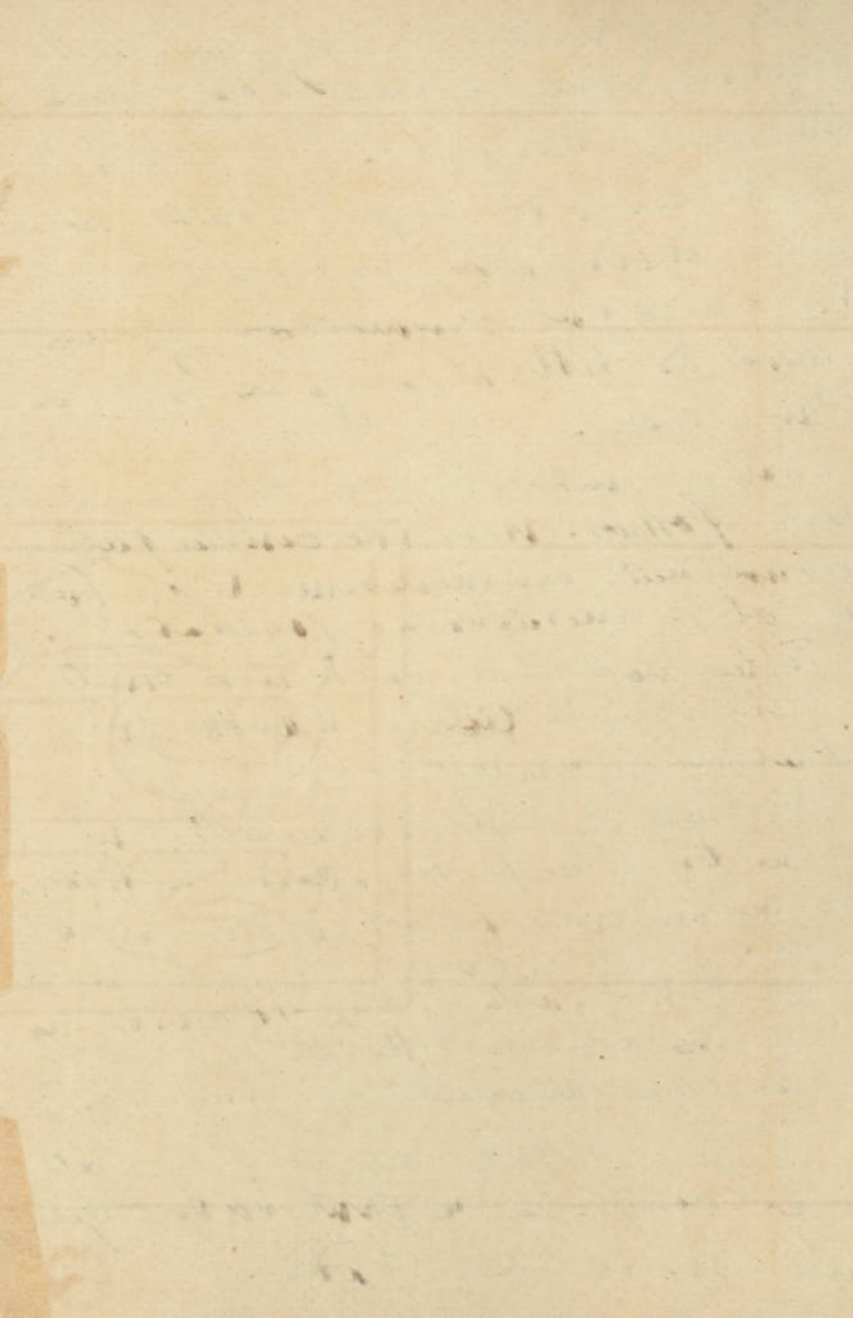
## LXIII.

Das arvores ás ultimas pontinhas  
 Sobem para cantar alegremente  
 Este resto do dia as avesinhas,  
 E, quando o Sol s'esconde, de repente  
 Param tristes o canto coitadinhas,  
 Nos ramos s'accommodam docemente,  
 E as acompanha toda a Natureza  
 No silencio da noite, e na tristeza.

preço desta flor. Os auctores dão-lhe os nomes seguintes. Dodoneo chama-lhe *Nasturtium Indicum*; Mr. Pitton Tounesfort *Cardaminum minus*, et *vulgare*, Lemery diz que *Cardaminum* é palavra composta como se se dissera *Cardamum Indicum*); Monard *Flos sanguineus*; João Bauhin *Nasturtium Indicum folio peltato scandens*; Gaspar Bauhin *Nasturtium Indicum majus*, a Historia geral das Plantas, ediç Luga. (de Leão da França) de 1586. *Nasturtium peregrinum*, quod *Peruvianum* (*Mastruço do Perú*); Lemery *Cardaminum*; Lemery *Petite capucine*; Roquet *grande capucine*, *Mastruço do Perú*, e *Chagas*, que é o nome mais proprio, que se lhe pode dar, porque a flor parece uma chaga da côr de sangue com uns raiosinhos d'um encarnado escuro, o cheiro é forte, e faz dôr de cabeça, o sabor é mais semelhante ao das Malvas, que ao do Mastruço, de que fiz experiencia. Toda a planta ea flor, é muito tenra, e mimosa, gosta muito do chão do pé das paredes, e veste lindamente os muros asperos, em que ella se possa segurar. Tem virtude purgativa, expelle os humores crus, crassos, peluitosos, e melancolicos, faz lançar fora do ventre as lombrigas, e as ascaridas, mas revolve o ventre, e causa nausea, *Dodoneo*. É detersiva, aperitiva, e promove a urina, faz melhorar do escorbuto, e expelle a pedra, *Lemery* Faz-se conserva da sua flor em vinagre para comer em salada. On confit sa fleur dans du vinaigre pour la

Res  
 4587





Estes fragmentos de um apunhado  
 Livrinho - devem valer \$500.00 para  
 o vendedor arreado.

No seu prologo, que é extenso e no  
 copiosa annotacao ao texto poetico  
 ha muito que apoveitar, ja no  
 estudo da litteratura, ja no da Thya  
 Civicaense.

Nemca pude obter mais do que as leve  
 estas folhas: nem me conta quem  
 ponha mais, nem menos, nem vi em Cata-  
 logo algum mencionada e prohibida.

Talvez na Bibliotheca do est. seja contada  
 alg. cuiaz, visto que os e entre foi  
 Papellaa da Guaraf.

Mrs. Antonio Pelle pharmaceutico que  
 esteve no Brazil ao Príncipe, e depois no Brazil  
 novo me deu noticia da existencia de um  
 curthun. O Mrs. Barberi ex Baroch do  
 Príncipe de Viçosa distancia, ha 40 annos, mas  
 não se me revelou litterato, e as suas  
 relações foram permanentemente cerimoniaes.

Seu livro bustato me faz lembrar al-  
 guma completa e pinturada, que  
 tanto me tem delirado.

O meu e os meus filhos a não se esquecerem!

1814 - Começo de des. de. em meus filhos,





